

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA**

**CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME TU**  
**NA FALA DO SUL DO BRASIL**

**LOREMI LOREGIAN**

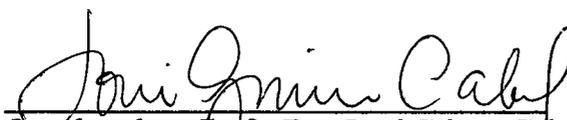
**Florianópolis**

**1996**

CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME TU

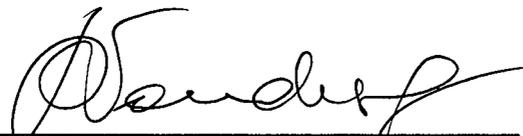
NA FALA DO SUL DO BRASIL

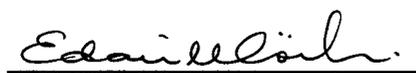
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Letras/Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

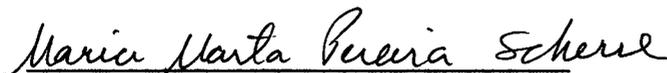
  
Coordenadora: Profa. Dra. Loni Grimm Cabral (UFSC)

  
Orientador: Prof. Dr. Paulino Vandresen (UFSC)

Banca Examinadora:

  
Prof. Dr. Paulino Vandresen (UFSC)

  
Profa. Dra. Edair Maria Gorski (UFSC)

  
Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre (UFRJ/UnB)

Suplente:

  
Prof. Dr. Ronaldo Lima (UFSC)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA

CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME TU  
NA FALA DO SUL DO BRASIL

LOREMI LOREGIAN

Dissertação apresentada ao curso de Pós-  
Graduação em Letras/Lingüística da  
Universidade Federal de Santa Catarina,  
como parte dos requisitos para obtenção  
do grau de Mestre em Lingüística.

Florianópolis

1996

## MEUS AGRADECIMENTOS...

**Ao professor Paulino Vandresen pela orientação, amizade e incentivo constante;**

**À professora Edair Gorski pela ajuda constante e fundamental;**

**À professora Marta Scherre pelas sugestões e esclarecimentos;**

**À Marisa Fernandes pelo auxílio no uso do VARBRUL e pelo apoio e ajuda dispensados durante toda a realização do curso;**

**À Cláudia Brescancini pelo empréstimo do corpus do Ribeirão da Ilha e pelas contribuições;**

**Aos meus pais e irmãos pela compreensão;**

**A todos os amigos do Luciana, de forma especial: Mara e Gerê, Cláudia e Fernando, Isa, Paulinha, Marcinha, Ildinha, Kika e Caco, Marcelino, Caiubi, Paraná...**

**Aos amigos que fizeram e fazem parte do Projeto VARSUL/UFSC, especialmente ao professor Paulino Vandresen, que me abriu os primeiros caminhos para os estudos sociolinguísticos;**

**Aos amigos do curso de mestrado Cláudia Brescancini e André Rutigliani Berri, pelo apoio mútuo durante o período de disciplinas;**

**Aos informantes da pesquisa;**

**À CAPES pela concessão da bolsa;**

**Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para que este trabalho pudesse ser realizado.**

## **DEDICATÓRIA**

*À Elvira, Olga e Severino Zorzi pelo apoio à minha vida acadêmica.*

*Ao Marcelo, meu noivo, pela compreensão, ajuda e cumplicidade.*

*Dedico este trabalho.*

**...a cada situação de fala em que nos inserimos  
e da qual participamos, notamos que a língua  
falada é, a um só tempo, heterogênea e  
diversificada.**

**Fernando Tarallo\***

## SUMÁRIO

Lista de Tabelas.....	i
Lista de Quadros.....	ii
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
1 - Introdução.....	1
2 - Objeto de Estudo.....	4
3 - Referencial Teórico.....	6
3.1 - O estudo da <i>concordância</i> no Português do Brasil.....	12
4 - Metodologia.....	17
4.1 - O Projeto VARSUL.....	18
4.2 - Constituição da nossa amostra.....	19
4.3 - Levantamento dos dados.....	27
4.3.1 - Dados excluídos.....	28
4.4 - Variáveis trabalhadas.....	29
4.5 - Suporte quantitativo.....	35

<b>5 - Análise das Variáveis Linguísticas.....</b>	<b>39</b>
<b>5.1 - Paralelismo Formal no Nível Discursivo.....</b>	<b>41</b>
<b>5.2 - Explicitação do Pronome.....</b>	<b>51</b>
<b>5.3 - Interação Emissor/Receptor.....</b>	<b>56</b>
<b>5.4 - Duas variáveis parcialmente sobrepostas:</b>	
<b>Tempo Verbal e Saliência Fônica.....</b>	<b>60</b>
<b>5.5 - Tonicidade do Verbo.....</b>	<b>79</b>
<b>5.6 - Número de Sílabas do Verbo.....</b>	<b>82</b>
<b>5.7 - Contexto Fonológico Seguinte.....</b>	<b>87</b>
<b>6 - Análise das Variáveis Sociais.....</b>	<b>89</b>
<b>6.1 - Cruzamento de Variáveis.....</b>	<b>102</b>
<b>7 - Considerações Finais.....</b>	<b>109</b>
<b>8 - Referências Bibliográficas.....</b>	<b>117</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Paralelismo Formal no Nível Discursivo (Marcas no Verbo).....	47
Tabela 2 - Explicitação do Pronome.....	52
Tabela 3 - Interação Emissor/Receptor.....	57
Tabela 4 - Saliência Fônica.....	65
Tabela 5 - Tabulação Cruzada entre Tempo Verbal e Saliência Fônica.....	67
Tabela 6 - Tempo Verbal.....	70
Tabela 7 - Pesos Relativos de Região e Tempo Verbal (Pretérito Perfeito do indicativo).....	77
Tabela 8 - Tonicidade do Verbo.....	81
Tabela 9 - Número de Sílabas do Verbo.....	83
Tabela 10 - Pesos Relativos - interferência da Tonicidade no Número de Sílabas - .....	85
Tabela 11 - Contexto Fonológico Seguinte.....	88
Tabela 12 - Região.....	92
Tabela 13 - Grau de Escolarização.....	97
Tabela 14 - Faixa Etária.....	99
Tabela 15 - Sexo.....	101
Tabela 16 - Região e Grau de Escolarização.....	103
Tabela 17 - Faixa Etária e Região.....	105
Tabela 18 - Faixa Etária e Grau de Escolarização.....	107

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Distribuição dos informantes das três capitais do Sul quanto aos tipos de pronomes/formas de tratamento utilizados.....</b>	<b>20</b>
<b>Quadro 2 - Número de ocorrência das formas do pretérito perfeito do indicativo por localidade.....</b>	<b>76</b>

## RESUMO

O presente estudo foi feito com base nos postulados teóricos e metodológicos da Teoria da Variação Lingüística, no qual nos propomos a desenvolver uma análise descritiva da concordância verbal com o pronome TU, na fala de moradores de três localidades do Sul do Brasil (Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha).

Os dados referentes a Porto Alegre e Florianópolis fazem parte do Banco de Dados do Projeto Variação Lingüística Urbana da Região Sul (VARSUL), e os do Ribeirão da Ilha foram coletados pela colega de mestrado Cláudia Brescancini. Analisamos um total de 2100 ocorrências, retiradas de 72 entrevistas, todas coletadas seguindo a metodologia laboviana.

No decorrer da análise, procuramos detectar os contextos lingüísticos e sociais que condicionam, de forma integrada, o comportamento sincrônico dos falantes quanto ao fenômeno de concordância verbal em estudo.

Este estudo pretende se constituir, por um lado, em uma importante contribuição para um projeto mais amplo de descrição de aspectos sintáticos da fala da Região Sul; por outro lado, espera fornecer dados importantes para a descrição do sistema de concordância em uso no Sul do país.

## ABSTRACT

The current research is supported by the theoretical and methodological postulates of the Linguistic Variation Theory, in which we have proposed to develop a descriptive analysis of the verbal agreement with “TU” pronoun in the speech of the population from three localities of the southern Brasil - Porto Alegre, Florianópolis and Ribeirão da Ilha.

The data concerning Porto Alegre e Florianópolis are part of the databank of the Urban Linguistic Variation Project of southern region (VARSUL) and the data from Ribeirão da Ilha were collect by Cláudia Regina Brescancini, a postgraduate colleague. We have analysed an amount of 2100 occurrences from 72 interviews, all collected according labovian methodology.

In the course of the analysis, we have tried to detect the linguistic and social conditioning contexts, concerning the verbal agreement phenomenon in study, that influence integrally the synchronic behaviour of the speakers.

This research intends to be, on one hand, an important contribution to o wider project of description of syntatic aspects of the southern region speech; on the other hand, it wishes to suply the description of the agreement system in use in the southern of the country with important data.

## 1 - INTRODUÇÃO

No presente trabalho, apresentamos uma análise quantitativa da concordância verbal com o pronome sujeito de segunda pessoa (pronome TU) na fala de informantes de Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha. Os dados referentes a Porto Alegre e Florianópolis fazem parte do Banco de Dados do Projeto Variação Lingüística Urbana da Região Sul (VARSUL), e os do Ribeirão da Ilha foram coletados pela colega de mestrado Cláudia Brescancini.

A pesquisa está fundamentada nos postulados teóricos e metodológicos da Teoria da Variação Lingüística, a qual investiga a língua efetivamente em uso em uma comunidade ou grupo social. Focaliza como objeto de estudo a *variação lingüística*, entendendo-a como um princípio geral e universal das línguas que pode ser descrito e analisado. Parte do pressuposto de que toda variação é motivada, ou seja, controlada por fatores internos e externos ao sistema lingüístico, de tal forma que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível (cf. Mollica, 1992:10).

Dentro dessa abrangência, nosso objetivo principal é fazer uma descrição de como está se comportando a concordância verbal com o pronome TU na fala do Sul do país. Para tanto, iremos testar as seguintes hipóteses<sup>1</sup> gerais:

---

<sup>1</sup> Os grupos de fatores pertinentes a cada hipótese podem ser vistos nos capítulos 5 e 6 desta dissertação.

1) A Região Sul apresenta um comportamento diversificado quanto à concordância verbal com o pronome TU, com Florianópolis e Ribeirão da Ilha usando, predominantemente, o verbo com a flexão de segunda pessoa, e Porto Alegre usando o verbo sem a respectiva flexão.

2) Há certos contextos lingüísticos e certos fatores sociais que favorecem mais a aplicação da regra em estudo que outros.

A exposição do trabalho será feita na seguinte ordem:

No segundo capítulo delinearemos o objeto de estudo, fazendo menção à concordância verbal com o pronome TU e ao modo como tal fenômeno se realiza na fala dos informantes do Sul do Brasil.

No terceiro capítulo apresentaremos o referencial teórico que forneceu as bases para a descrição e interpretação do fenômeno de concordância verbal em estudo. Apresentaremos também, de forma resumida, os principais trabalhos que abordaram a *concordância de número* no português do Brasil.

No quarto capítulo trataremos da metodologia adotada neste estudo, onde faremos um pequeno histórico do Projeto VARSUL; e, antes de falarmos sobre a constituição da amostra trabalhada nesta pesquisa, faremos um levantamento

estatístico sobre os pronomes e formas de tratamento que são utilizados para estabelecer a referência do sujeito de segunda pessoa do singular na fala de informantes das três capitais do Sul. Na seqüência falaremos sobre o levantamento dos dados; os dados excluídos; as variáveis trabalhadas e o suporte quantitativo.

No quinto capítulo apresentaremos a análise das variáveis lingüísticas, onde iremos explicitar os fatores de cada variável, os objetivos e hipóteses que nos levaram a trabalhar com cada uma delas.

No sexto capítulo trataremos da análise das variáveis sociais, primeiramente vistas de forma isolada, e na seqüência apresentaremos os cruzamentos das variáveis sociais considerados estatisticamente significativos.

No sétimo capítulo apresentaremos as considerações finais, em que iremos retomar os grupos de fatores que se demonstraram mais atuantes para a aplicação ou não aplicação da flexão de segunda pessoa no verbo que acompanha o pronome TU, bem como os aspectos não analisados que mereceriam uma investigação posterior.

Por fim, apresentaremos as referências bibliográficas, e, em anexo, colocaremos um mapa para situar melhor de onde foram coletadas as entrevistas do Ribeirão da Ilha e de Florianópolis.

## 2 - O OBJETO DE ESTUDO

O presente trabalho surge da necessidade de se fazer um estudo da concordância verbal com o pronome TU na fala espontânea do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, uma vez que, no âmbito da Sociolinguística Variacionista, nenhum trabalho até então havia abordado especificamente tal questão. Os trabalhos até então encontrados na literatura preocuparam-se em estudar os *usos das formas de tratamento de segunda pessoa* tendo em vista os conceitos de *poder e solidariedade*. Podemos citar como exemplo: Biderman (1972-73); Abreu (1987); Ramos (1989), dentre outros. No nosso caso, não iremos adentrar em tal questão, pois iremos nos centrar no fenômeno de concordância verbal com o pronome sujeito TU.

Para representar o Rio Grande do Sul escolhemos a capital, Porto Alegre, de onde analisamos a fala de 24 informantes pertencentes ao corpus do Projeto VARSUL.

Em Santa Catarina analisamos 36 informantes de Florianópolis (corpus do Projeto VARSUL) e 12 informantes do Ribeirão da Ilha (corpus Brescancini). No total, trabalhamos com 72 informantes e 2100 dados.

O fenômeno que estamos analisando apresenta-se da seguinte forma:

1) Verbos com flexão de segunda pessoa. Exemplos:

“...a partir do momento que *tu fugisse*<sup>2</sup> *tu tens* que ficá casada...” (RIB 11 COL C F);

“...assim *tu queres* parecê igual aquelas pessoas...” (FLN 35 COL C F).

2) Verbos sem a referida flexão de segunda pessoa. Exemplos:

“...*tu descasca* o camarão depois *tu bota* tudo na fervura... (FLN02PRI A M);

“...um aumento de salário *tu qué* dizê?” (POA 12 PRI A F);

“...*tu ficô* tão facera que *tu ficô* até emocionada...” (POA 06 GIN B F).

Procuramos testar restrições já levantadas dentro da concordância de número, para verificar de que maneira razões internas e externas, a partir de hipóteses lingüísticas gerais ou emergidas dos próprios dados, possam indicar regularidades sociolingüísticas que estão em jogo no fenômeno da concordância como um todo.

Vale colocar que o presente trabalho é de natureza essencialmente sincrônica e as questões relacionadas a uma possível mudança em curso ficarão como sugestão para um estudo posterior.

---

<sup>2</sup> Nos verbos que estão no pretérito perfeito do indicativo ocorre a assimilação do -t (ex.. *tu falaste/falasse*). Maiores detalhes sobre tal assimilação podem ser vistos no capítulo 5.

### 3 - REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa relatada no presente trabalho está fundamentada nos postulados teóricos e metodológicos da Teoria da Variação Lingüística (laboviana), denominada também de Sociolingüística Quantitativa<sup>3</sup>.

Neste capítulo, pretendemos dar uma pequena visão da Sociolingüística Variacionista, enfocando alguns pressupostos gerais desta linha teórica e, de certa forma, situando-a em relação a outras correntes da ciência lingüística. Pretendemos também dar uma visão geral dos principais trabalhos variacionistas que estudaram a *concordância de número* no português do Brasil.

Considerado o inaugurador oficial do Estruturalismo<sup>4</sup>, Saussure "... estabeleceu uma distinção entre língua (*langue*) e fala (*parole*), considerando a língua um sistema abstrato, homogêneo, social, supra-individual, ao passo que a fala seria a realização concreta e individual da língua. Tomando a língua como objeto de estudo da

---

<sup>3</sup> A Sociolingüística Quantitativa recebeu essa denominação devido ao fato de ser implementada por dados numéricos submetidos a tratamento estatístico. Segundo Scherre (1993b:10), "embora denominada Sociolingüística Quantitativa, esta visão teórica não se limita a fazer análises mecânicas dos dados lingüísticos. Por detrás dos números, que são usados como um recurso adicional para refutar ou não hipóteses diversas, há um lingüista, ser pensante, que tem como objetivo entender o funcionamento da língua, seu objeto de estudo."

<sup>4</sup> "Costumamos reunir sob o nome *estruturalismo* um conjunto de diferentes elaborações teóricas que compartilham uma concepção imanentista da linguagem verbal (isto é, a linguagem assumida como um objeto autônomo, definido por relações puramente lingüísticas, internas), concepção essa cujas coordenadas básicas encontram suas origens no trabalho de Saussure, no início do século XX" (Faraco, 1995:98).

Linguística, Saussure excluiu desse mesmo objeto tudo aquilo que fosse individual e heterogêneo...” (Suassuna, 1995:64).

A limitação do objeto de estudo da linguística à *langue* fornece rigor e cientificidade à pesquisa, mas ao mesmo tempo começa uma tradição teórica em que questões referentes às variedades linguísticas são deixadas de lado (cf. Battisti, 1993:23-4).

Na década de 1950 surge uma nova corrente teórica - a gramática gerativo-transformacional - tendo o linguista Noam Chomsky como principal nome.

De certa forma, Chomsky retomou a dicotomia saussureana ao opor a *competência* (conhecimento que cada indivíduo possui da língua, sob a forma de um sistema abstrato de regras por ele internalizado) à *performance* (escolha e aplicação dessas regras).

Voltados para a competência, os gerativistas pretendem uma teoria linguística fundamentada em uma comunidade linguística completamente homogênea, formada por falantes-ouvintes ideais que conhecessem perfeitamente a língua dessa comunidade, que tivessem acesso à própria competência linguística e pudessem dar conta dessa competência (Labov, 1972). Dito de outra forma, os gerativistas procuram

atingir a competência do falante nativo não através de seus enunciados, mas sim através de sua intuição no julgamento de sentenças bem ou mal formadas.

Retomando, vale frisar que tanto Saussure quanto Chomsky viam a língua como um sistema abstrato, fechado, uma estrutura considerada independentemente de seu contexto, e de sua variação.

Entretanto, na década de 60 surge uma nova abordagem para esse fenômeno em questão. Trata-se da Sociolinguística Variacionista, que tem o lingüista americano William Labov como principal articulador. De certa forma, esta nova abordagem constitui-se uma reação às teorias estruturalista e gerativo-transformacional.

Os estudos de Labov não se situam à margem de uma lingüística da língua, uma vez que ele considera que esta só tem sentido num contexto social. Em outras palavras, diferentemente de Saussure e Chomsky, Labov quer buscar a estrutura heterogênea da língua enquanto falada por uma comunidade ou grupo social. Seu foco de interesse não são as formas regulares da língua, mas as variantes - formas alternativas de se dizer a mesma coisa, permitidas pela própria estrutura da língua e motivadas por condicionamentos externos; Labov quer evidenciar que existem regularidades na variação, quer mostrar que esta é sistemática e previsível. Logo, há diferenças entre utilizar os dados de uma língua efetivamente em uso nas comunidades de fala e uma ciência da “parole” ou uma ciência do “desempenho”.

Labov vai mais além, afirmando que a variação e as estruturas heterogêneas são fenômenos naturais nas comunidades de fala e que estruturação não significa homogeneidade. Para isso, formaliza todo um instrumental teórico e metodológico para tratar com a variação.

Para abranger a variação inerente das línguas, Labov (1969) amplia o conceito de regra da gramática para envolver o de regra variável. Segundo ele, a regra variável deve ter frequência de uso expressiva e estar sujeita à interferência tanto de fatores lingüísticos (fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos) quanto de fatores sociais (faixa etária, sexo, grau de escolarização, etnia, etc.). Portanto, uma vez detectada a variação e examinados os contextos em que esta se insere, os fatores condicionantes apresentam um padrão elevado de sistematicidade e conseqüente previsão pelo pesquisador.

Por fim, vale registrar que três estudos clássicos, realizados por William Labov, marcaram o início da Sociolingüística<sup>5</sup> Variacionista. No primeiro deles, em 1963, o autor investiga a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Martha's Vineyard; em 1966, estuda o /r/ pós-vocálico na cidade de Nova Iorque e, em 1969, realiza um estudo sobre o desaparecimento da cópula no inglês falado por adolescentes negros do

---

<sup>5</sup> Para uma visão mais completa da Sociolingüística, consultar: Labov (1969; 1972); Tarallo (1990); Vazzata Dias (1996), entre outros.

Harlem, Nova Iorque. Os trabalhos de 1963 e 1966 foram publicados em 1972 no livro "*Sociolinguistic Patterns*"; nele Labov aborda também os conceitos de variação.

Em suma, o que mais assumimos da postura variacionista compreende<sup>6</sup>:

- Existe uma relação sistemática entre língua e pressões internas do sistema lingüístico, de um lado, e forças sociais sobre a comunidade, de outro;

- A idéia de que a variação é inerente ao sistema lingüístico e que a noção de heterogeneidade não é incompatível com a noção de sistema;

- A dissociação que se faz entre estrutura e homogeneidade, uma vez que a variação não existe só na comunidade mas inclusive na fala de uma mesma pessoa;

- A variação não é aleatória mas sim governada por restrições lingüísticas e extralingüísticas (sociais);

- Os fenômenos lingüísticos variáveis, expressos por duas ou mais variantes, apresentam tendências regulares passíveis de serem descritos e explicados por restrições de natureza lingüística e não lingüística;

---

<sup>6</sup> O resumo foi feito com base em Scherre (1993b).

- São os dados produzidos em situações reais, isto é, dados empíricos e não dados obtidos em estantes ou bibliotecas que revelam a verdadeira configuração de uma dada língua, e também os seus caminhos de mudança.

### **3.1 - O ESTUDO DA CONCORDÂNCIA NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Nesta parte, citaremos, de forma sucinta, alguns dos trabalhos que utilizaram princípios teóricos e metodológicos da teoria da variação lingüística em estudos de concordância: a) verbal, b) nominal e c) nos predicativos. Escolhemos os trabalhos, listados a seguir, por termos nos baseado neles, de uma forma ou outra, para a realização da nossa pesquisa.

#### **a) CONCORDÂNCIA VERBAL:**

LEMLE e NARO (1977) analisam a fala de 20 alunos do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) do Rio de Janeiro. Este trabalho, encontrado em *Competências Básicas do Português*, transformou-se em modelo para pesquisas posteriores.

MOTTA (1979) estuda o efeito da escolarização, sexo e idade na concordância verbal entre sujeito e verbo em 34 adolescentes ( com 8 anos de escolarização, de nível sócio-econômico baixo ) em Salvador, Bahia.

NARO (1981) em “The social and structural dimensions of a syntactic change” retoma os mesmos dados do projeto *Competências Básicas do Português* e inclui novas variáveis sociais e algumas mudanças na categorização morfológica.

NARO, GORSKI E FERNANDES (1983) estudam a concordância verbal com os sujeitos nós/a gente na fala de 64 informantes cariocas, de nível sócio-econômico baixo, num total de 48 horas de gravação e 6916 ocorrências.

NICOLAU (1984) analisa a concordância entre o verbo e o SN sujeito de terceira pessoa do plural na fala de 32 informantes de Belo Horizonte de ambos os sexos, dois grupos etários e quatro grupos sociais diferentes. Trabalhou com um total de 1913 ocorrências que foram submetidas a uma análise quantitativa e outra qualitativa.

BORTONI-RICARDO (1985) analisa a fala de 80 informantes da zona rural do Alto Parnaíba (MG), radicados em Braslândia (cidade satélite de Brasília).

RODRIGUES (1987) analisa a concordância verbal com a primeira e terceira pessoas do plural na fala de 40 informantes residentes em favelas da periferia de São Paulo, informantes estes de procedências geográficas diversificadas, que haviam cursado o primeiro grau e os analfabetos.

GRACIOSA (1991) analisa a concordância verbal na fala de 18 informantes universitários, pertencentes ao projeto Norma Urbana Culta (NURC).

SCHERRE e NARO (1991, 1992 e 1993) publicam três artigos (“Marking in discourse”, “The serial effect on internal and external variables” e “Duas dimensões do paralelismo verbal no português popular do Brasil”) com dados de 64 informantes cariocas (com 1 a 11 anos de escolarização) pertencentes ao corpus CENSO/PEUL.

#### **b) CONCORDÂNCIA NOMINAL:**

BRAGA e SCHERRE (1976) realizam o primeiro estudo sobre a concordância de número no sintagma nominal no português do Brasil, adotando os princípios teóricos e metodológicos da Teoria da Variação Lingüística e analisam dados de 7 informantes cariocas.

BRAGA (1977), com o mesmo tema abordado em 1976, agora como dissertação de mestrado, analisa os dados de informantes da classe baixa e média do Triângulo Mineiro.

SCHERRE (1978), em sua dissertação de mestrado, analisa os dados de 10 informantes da área urbana do Rio de Janeiro.

GUY (1981) analisa dados de informantes semi-analfabetos (alunos do MOBRAL), amostra essa pertencente ao projeto Competências Básicas do Português.

SCHERRE (1988), agora como tese de doutorado, retoma o mesmo tema de 1978 e “reanalisa” a concordância nominal, com dados do corpus CENSO/PEUL.

DIAS (1993) analisa os dados de 20 informantes brasilienses (com 4 anos de escolarização, sendo 10 da área urbana e 10 da área rural).

FERNANDES (1996) analisa a fala de 67 informantes, sendo 47 do corpus do projeto VARSUL (situação informal) e 19 informantes de diferentes procedências regionais (situação formal).

### **c) CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NOS PREDICATIVOS/PARTICÍPIOS**

#### **PASSIVOS:**

SCHERRE (1991) publica um artigo na revista *Organon* intitulado: “A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos”, no qual analisa a fala de 64 falantes da amostra “Censo”.

**VAZZATA DIAS (1996), com base no artigo de Scherre, elabora sua dissertação de mestrado e analisa a fala de 72 informantes da Região Sul (corpus do projeto VARSUL).**

#### **4 - METODOLOGIA**

Uma pesquisa sociolinguística de base laboviana envolve, normalmente, os seguintes procedimentos: coleta de dados reais com uma seleção prévia dos informantes, seguida da transcrição desses dados, do estabelecimento das variantes sob estudo e da delimitação da análise. O passo seguinte consiste em codificar, digitar e quantificar os dados para, dessa forma, obter resultados estatísticos e analisá-los linguisticamente, de acordo com as hipóteses previamente estabelecidas.

Nesta parte do trabalho, descreveremos as etapas sequenciais por que passou, metodologicamente, a presente pesquisa. Falaremos inicialmente do projeto VARSUL, tendo em vista o fato de os dados trabalhados terem sido coletados (em sua grande maioria) pela equipe de bolsistas do referido projeto.

#### 4.1 - O PROJETO VARSUL

O projeto *Variação Lingüística Urbana da Região Sul (VARSUL)* teve início oficial em 1990, composto pelas três universidades do Sul: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)<sup>7</sup>.

O projeto VARSUL segue os postulados da sociolingüística variacionista e possui como meta principal “armazenar e colocar à disposição dos pesquisadores interessados amostras de realizações da fala de habitantes enraizados em áreas urbanas sócio-culturalmente representativas de cada um dos três estados da Região Sul do Brasil” (Knies & Costa, 1995, p.1).

Foram selecionadas 4 cidades de cada estado para compor a amostra do projeto VARSUL<sup>8</sup>, a saber: **Santa Catarina** (Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages); **Paraná** (Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati); **Rio Grande do Sul** (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja). Em cada uma destas cidades foram entrevistados 24 moradores, totalizando 96 entrevistas por estado e 288 no acervo total.

---

<sup>7</sup> Em 1993 a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC - RS) passou também a fazer parte do Projeto VARSUL.

<sup>8</sup> Maiores detalhes sobre o Projeto VARSUL podem ser obtidos no Manual do Usuário, elaborado por Knies & Costa (1995) e disponível na biblioteca do Projeto VARSUL.

Para a coleta dos dados foram feitos dois contatos com cada informante. O primeiro contato foi feito com a ajuda de pessoas da comunidade (geralmente líderes comunitários), objetivando estabelecer uma relação amigável entre o entrevistador e o informante. Nesse primeiro encontro o pesquisador marcava o dia e a hora mais propícia para o informante conceder a entrevista, alegando que se tratava de um estudo sobre a colonização do local, os costumes e hábitos dos moradores, etc.

No segundo contato, o pesquisador gravava a entrevista em fita cassete, com duração de, no máximo, 60 minutos. Para este dia o pesquisador elaborava um roteiro de perguntas para orientar as entrevistas. Vale salientar que não houve preocupação em seguir esse roteiro. Em cada entrevista foram abordados os assuntos de maior envolvimento emocional do informante.

#### **4.2 - CONSTITUIÇÃO DA NOSSA AMOSTRA**

Inicialmente, utilizamos o Banco de Dados do projeto VARSUL e fizemos um levantamento estatístico dos dados das três capitais (Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre), com o intuito de verificar quais formas (pronomes e formas de tratamento) seriam utilizadas para estabelecer a referência do sujeito de segunda pessoa na fala dos informantes do Sul.

Para isso, escutamos as 24 fitas de cada capital, transcrevemos os dados em forma de fichamento e procedemos a uma contagem manual dos resultados, que podem ser visualizados no Quadro 1:

Quadro 1: Distribuição dos informantes quanto aos tipos de pronomes/formas de tratamento utilizados<sup>9</sup>

	você	você e senhor/ senhora	tu	tu e você	tu e senhor/ senhora	mistura de formas	total
Curitiba	23	1	—	—	—	—	24
POA	1	—	18	4	—	1	24
FLN	—	—	11	7	1	5	24

Como podemos perceber no Quadro 1, os falantes das capitais do Sul apresentam um comportamento bem distinto quanto à forma de referência à segunda pessoa, especialmente no que se refere ao uso do pronome TU.

<sup>9</sup> Não incluímos na análise a referência apagada (zero) por constatarmos que aparecia na fala de todos os informantes analisados. Além do mais, este tema já foi abordado em Curitiba por Abreu, 1987; e em Florianópolis por Ramos, 1989.

Em Curitiba, o pronome TU não foi encontrado em nenhuma das 24 entrevistas, sendo, no nosso corpus, categórico o uso do pronome VOCÊ.

Já em Porto Alegre, dos 24 informantes analisados, 18 usaram o pronome TU durante toda a entrevista, 4 informantes usaram alternadamente os pronomes TU e VOCÊ, 1 informante usou somente o pronome VOCÊ e 1 informante usou mistura de formas (tu, você, senhor/senhora). Nessa etapa do trabalho já constatamos que em Porto Alegre o pronome TU é usado, na maioria das vezes, sem a flexão de segunda pessoa.

Ex: “...*tu era obrigado tu não passava de ano se tu não fizesse aquele exame...*” - (POA 16 PRI B F).

Em Florianópolis, a distribuição dos informantes está mais equilibrada, pois dos 24 indivíduos analisados, 11 usaram o pronome TU, 7 usaram TU e VOCÊ, 1 informante usou TU e SENHOR/SENHORA e 5 usaram *mistura de formas*. É em Florianópolis também que há predominância maior da variação na concordância verbal com o pronome sujeito TU.

Diante desta realidade, não tínhamos como trabalhar a concordância verbal com o pronome TU nos dados de Curitiba. Mesmo sem esta capital, poderíamos perfeitamente analisar os dados das duas capitais restantes (Florianópolis e Porto Alegre), mas, tendo em vista que a variação maior foi encontrada em Florianópolis, decidimos então ampliar os dados desta capital, e manter Porto Alegre.

Para ampliação dos dados, aproveitamos um corpus coletado pelos mestrados da disciplina Sociolinguística II, da UFSC, o qual estava disponível no Banco de Dados do Projeto VARSUL. Este corpus é composto por informantes de 15 a 24 anos, moradores da área urbana de Florianópolis.

Incluimos ainda um corpus do Ribeirão da Ilha<sup>10</sup> que foi coletado, de acordo com a orientação metodológica da sociolinguística variacionista, pela colega de mestrado Cláudia Regina Brescancini<sup>11</sup>. Nosso intuito era analisar o comportamento dos falantes de Florianópolis de uma forma mais abrangente e também verificar se a distância do centro urbano e o pouco contato externo dos falantes do Ribeirão da Ilha interferiria no uso da concordância verbal com o pronome TU.

---

<sup>10</sup> O Ribeirão da Ilha fica localizado na costa oeste da Ilha de Santa Catarina, junto à Baía Sul de Florianópolis. Caracteriza-se por ser o povoado mais antigo da Ilha.

<sup>11</sup> Brescancini coletou os dados para desenvolver sua dissertação de mestrado (em andamento) e está estudando a palatalização do S não morfêmico em regiões de colonização açoriana.

Portanto, nossa amostra ficou assim representada:

\* 24 informantes de Porto Alegre<sup>12</sup> (Banco de Dados do Projeto VARSUL);

\* 36 informantes de Florianópolis (Banco de Dados do Projeto VARSUL);

\* 12 informantes do Ribeirão da Ilha (corpus Brescancini).

Para visualizar melhor, apresentaremos, na seqüência, as características sociais dos informantes, de acordo com a *localidade* analisada.

Com o intuito de preservar a identidade dos informantes, colocamos números ao invés dos nomes. Portanto, em todos os exemplos encontrados nesta pesquisa, primeiramente colocaremos a *localidade* (FLN= Florianópolis; RIB= Ribeirão da Ilha; POA=Porto Alegre), após o número da entrevista (que pode ser de 01 a 36), o grau de escolarização (Pri= primário; Gin= ginásio; Col= colegial), a idade ( A= 25 a 49 anos; B= mais de 50 anos; C= 15 a 24 anos) e, por último, o sexo (M= masculino; F= feminino).

---

<sup>12</sup> Na verdade, foram computados dados de 23 informantes de Porto Alegre, já que um deles usou categoricamente a forma você (cf. Quadro 1).

**CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DOS INFORMANTES:**

**Porto Alegre**

<b>Cidade</b>	<b>Nº da entrevista</b>	<b>escolaridade</b>	<b>idade</b>	<b>sexo</b>
POA	03	PRI	A	M
POA	10	PRI	A	M
POA	01	PRI	B	M
POA	18	PRI	B	M
POA	11	GIN	A	M
POA	04	GIN	A	M
POA	07	GIN	B	M
POA	09	GIN	B	M
POA	15	COL	A	M
POA	23	COL	A	M
POA	17	COL	B	M
POA	21	COL	B	M
POA	08	PRI	A	F
POA	12	PRI	A	F
POA	16	PRI	B	F
POA	05	PRI	B	F
POA	14	GIN	A	F
POA	13	GIN	A	F
POA	19	GIN	B	F
POA	06	GIN	B	F
POA	22	COL	A	F
POA	20	COL	A	F
POA	24	COL	B	F
POA	02	COL	B	F

### Florianópolis

Cidade	N da entrevista	Escolaridade	Idade	Sexo
FLN	02	PRI	A	M
FLN	04	PRI	A	M
FLN	05	PRI	B	M
FLN	06	PRI	B	M
FLN	10	GIN	A	M
FLN	12	GIN	A	M
FLN	13	GIN	B	M
FLN	14	GIN	B	M
FLN	18	COL	A	M
FLN	19	COL	A	M
FLN	21	COL	B	M
FLN	23	COL	B	M
FLN	01	PRI	A	F
FLN	03	PRI	A	F
FLN	07	PRI	B	F
FLN	08	PRI	B	F
FLN	09	GIN	A	F
FLN	11	GIN	A	F
FLN	15	GIN	B	F
FLN	16	GIN	B	F
FLN	17	COL	A	F
FLN	20	COL	A	F
FLN	22	COL	B	F
FLN	24	COL	B	F

### Corpus 15 a 24 anos (Florianópolis)

FLN	25	PRI	C	M
FLN	26	PRI	C	M
FLN	27	GIN	C	M
FLN	28	GIN	C	M
FLN	29	COL	C	M
FLN	30	COL	C	M
FLN	31	PRI	C	F
FLN	32	PRI	C	F
FLN	33	GIN	C	F
FLN	34	GIN	C	F
FLN	35	COL	C	F
FLN	36	COL	C	F

## Ribeirão da Ilha

Cidade	N da Entrevista	Escolaridade	Idade <sup>13</sup>	Sexo
RIB	01	PRI	A	M
RIB	02	PRI	B	M
RIB	03	GIN	A	M
RIB	04	GIN	A	M
RIB	05	COL	A	M
RIB	06	COL	B	M
RIB	07	PRI	A	F
RIB	08	PRI	B	F
RIB	09	GIN	C	F
RIB	10	GIN	B	F
RIB	11	COL	C	F
RIB	12	COL	A	F

---

<sup>13</sup> Em seu trabalho, Brescancini não considerou a variável idade, daí não haver uma distribuição homogênea dos informantes por faixa etária, em seu corpus.

### 4.3 - LEVANTAMENTO DOS DADOS

Para procedermos ao levantamento dos dados, ouvimos na íntegra as 72 entrevistas e transcrevemos apenas os contextos que nos interessavam para a realização da presente pesquisa. Em seguida, fichamos as estruturas com pronome sujeito TU (explícito ou apagado) e seus respectivos verbos, analisamos cada forma verbal de acordo com os grupos de fatores previamente estabelecidos, que podem ser vistos no item 4.4, deste capítulo.

Nesta etapa do trabalho, cada dado sob análise recebeu uma codificação, constituída de 13 itens, isto é, um número representando a **variável dependente** e doze números e/ou letras simbolizando os **fatores das variáveis independentes**.

Finalmente, após codificar individualmente um total de 2100 dados, estes foram analisados pelo Sistema VARBRUL 2S (descrito no item 4.5 desta pesquisa).

### 4.3.1 - DADOS EXCLUÍDOS:

Excluimos de nosso trabalho todos os dados que pudessem enviesar nossas análises. Estes podem ser conferidos abaixo:

\* Contextos em que não dava para recuperar a marca formal de segunda pessoa ( quando o sujeito estava apagado e não havia nenhum pronome TU no contexto).

\* Contextos em que havia neutralização (por não termos certeza se a regra de concordância se realizava ou não).

Ex: ...se tu marcá sozinha, TU GANHA SOZINHA... (FLN 32 PRI C F).

...não SABES SE tu gostas de tal pessoa... (FLN 35 COL C F).

\* Contextos em que o verbo aparecia no gerúndio.

Ex: ...bateu uma coisa ca otra não tem? e realmente depois TU ANALISANDO como ela se comportava... (FLN 28 GIN C M).

...porque TU NÃO TENDO dinheiro comé que tu vai saí de casa...(POA 12 PRI A F).

#### 4.4 - VARIÁVEIS TRABALHADAS

Neste item, apresentaremos todas as variáveis lingüísticas e sociais que consideramos para realizar a presente pesquisa. Apresentaremos também os fatores, as hipóteses de cada variável e exemplos para a variável dependente. Quanto às hipóteses, a apresentação se dará de forma resumida, tendo em vista que iremos retomá-las, bem como exemplificar cada fator trabalhado, em momento oportuno<sup>14</sup>.

##### - VARIÁVEL DEPENDENTE:

##### 1 - Presença de flexão de segunda pessoa no verbo. Exemplos:

“...tu alimentas o que tu tens dentro de ti durante oito meses...”(FLN35COLCF);

“ ...a partir do momento que tu fugisse tu tens que ficá casada...”(RIB11COLCF);

“...que que tu queres Rogério?” (FLN04PRIAM);

##### 2 - Ausência de flexão de segunda pessoa no verbo. Exemplos:

“...pai, tu sabe que a professora fala em moral e cívica...” (POA01PRIBM);

“...um aumento de salário tu qué dizê?” (POA12PRIAF);

“...tu te arrependeu, tu ficô boazinha...” ( POA18PRIBM);

---

<sup>14</sup> As variáveis lingüísticas serão objeto de análise no capítulo 5, e no capítulo 6 analisaremos as variáveis sociais.

## **- VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS INDEPENDENTES**

### **1 - Paralelismo Formal:**

- a) Verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância;**
- b) Verbo de uma seqüência sem marcas de concordância;**
- c) Primeiro de uma série;**
- d) Verbo em construção isolada;**
- e) Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é marcado;**
- f) Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é não marcado.**

**Hipótese: Marcas conduzem a marcas e zeros a zeros.**

### **2 - Interação Emissor/Receptor:**

- a) O falante dirige-se ao entrevistador;**
- b) O falante dirige-se a um interveniente;**
- c) O falante repete a fala de outra pessoa;**
- d) O falante dirige-se a um interlocutor genérico;**
- e) Função fática.**

**Hipótese: Quando o falante se dirige ao entrevistador, por ser este uma pessoa não íntima do informante, haverá mais marcas de concordância.**

### **3 - Explicitação do Pronome:**

- a) Pronome explícito imediatamente antes do verbo;**
- b) Pronome explícito com material interviniente;**
- c) Sem pronome explícito.**

**Hipótese: Quando o pronome não está explícito há mais concordância verbal.**

### **4 - Tempo Verbal:**

- a) Presente do indicativo;**
- b) Pretérito perfeito do indicativo;**
- c) Pretérito imperfeito do indicativo;**
- d) Presente do subjuntivo;**
- e) Pretérito imperfeito do subjuntivo;**
- f) Futuro do subjuntivo;**
- g) Infinitivo pessoal.**

**Hipótese: O Tempo em que se encontra o verbo influencia a concordância verbal com o pronome TU.**

**5 - Saliência Fônica:**

- a) **Nível 1 - Acréscimo de -S;**
- b) **Nível 2 - Acréscimo de -ES;**
- c) **Nível 3 - Acréscimo de -STE/-SSE.**

**Hipótese: As formas mais salientes, por serem mais perceptíveis, são mais marcadas do que as menos salientes.**

**6 - Tonicidade do Verbo:**

- a) **Oxítono;**
- b) **Paroxítono.**

**Hipótese: Os verbos oxítonos, por terem acento na sílaba que vai receber a flexão de segunda pessoa, são mais marcados do que os paroxítonos.**

**7 - Número de Sílabas do Verbo:**

- a) **Monossílabo;**
- b) **Dissílabo;**
- c) **Trissílabo;**
- d) **Polissílabo.**

**Hipótese: Os itens de maior número de sílabas, por serem mais perceptíveis, são os mais marcados.**

**8 - Contexto Fonológico Seguinte:**

- a) Pausa;
- b) Consoante;
- c) Vogal.

**Hipótese:** Havendo pausa após o verbo, por chamar mais a atenção do ouvinte, a concordância será maior.

**- VARIÁVEIS SOCIAIS:**

**1 - Região:**

- a) Porto Alegre;
- b) Florianópolis;
- c) Ribeirão da Ilha.

**Hipótese:** Os informantes do Ribeirão da Ilha lideram a concordância verbal, seguidos pelos informantes de Florianópolis. Em Porto Alegre a concordância verbal com o pronome TU é praticamente inexistente.

**2 - Grau de Escolarização:**

- a) Primário;
- b) Ginásial;
- c) Colegial.

**Hipótese: Quanto maior a escolarização do falante, maior será também a concordância verbal em estudo.**

**3 - Faixa Etária:**

- a) 15 a 24 anos;
- b) 25 a 49 anos;
- c) mais de 50 anos.

**Hipótese: Os informantes de mais de 50 anos, por serem mais conservadores, fazem mais concordância verbal que os demais.**

**4 - Sexo:**

- a) Masculino
- b) Feminino.

**Hipótese: Informantes do sexo feminino fazem mais concordância verbal que os do sexo masculino.**

#### 4.5 - SUPORTE QUANTITATIVO

Ao introduzir o conceito de regra variável, William Labov mostrou também a importância de se estabelecer fatores lingüísticos e extralingüísticos que favorecem ou inibem a aplicação da regra sob estudo. A partir daí, a metodologia variacionista permitiu avaliar em termos quantitativos o efeito desses fatores que condicionam os fenômenos de variação e mudança na língua.

Para se calcular o efeito combinado de todos os ambientes contextuais na aplicação de uma determinada regra lingüística, têm sido utilizados diferentes pacotes estatísticos para a análise da variação. No entanto, o que se consagrou entre os sociolingüistas foi o sistema “logístico” proposto por David Sankoff, *Variable Rule Analysis*<sup>15</sup>, mais conhecido pela sigla VARBRUL. Na presente pesquisa foi utilizada a terceira versão do referido Programa, denominada VARBRUL 2S<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Para um histórico detalhado dos diversos modelos probabilísticos utilizados na análise da variação, consultar: Cedergren & Sankoff (1974); Labov (1972); Rousseau & Sankoff (1978); Sankoff (1988b); Naro (1981 e 1982).

<sup>16</sup> Informações sobre a utilização do Programa VARBRUL podem ser obtidas no manual escrito por Pintzuk e traduzido para o português por Ivone L. Pinto; consultar também Scherre (1988; 1992 e 1993).

A versão VARBRUL 2S, além de calcular o número de ocorrências dos fatores de cada variável (= percentagens), trabalha também com os pesos relativos de cada fator (ou grupo de fatores), ou seja, faz a análise conjugada dos grupos e verifica eventuais interações, o que torna a análise muito mais precisa e segura.

O VARBRUL 2S trabalha com diversos níveis de análises, “efetuando comparações progressivas entre os pesos relativos atribuídos aos diversos fatores das variáveis independentes e fazendo seleção estatística a cada passo da análise” (Scherre, 1992:27). Ou seja, no *nível zero* o programa calcula “a média global corrigida de aplicação da regra” (id. *ibid.*); esta média é considerada como “a probabilidade de aplicação da regra quando o efeito de todos os fatores de todas as variáveis é neutro”(LEMLE & NARO, 1977:26-27). A esta probabilidade é dado o nome de *input* da regra.

No nível seguinte, o nível 1, o programa calcula os pesos relativos de cada grupo de fatores isoladamente, ou seja, a cada uma das variáveis é atribuído um nível de significância, e o grupo mais significativo é selecionado.

Depois de escolher o primeiro grupo estatisticamente relevante, o programa executa o segundo nível de análise, onde compara a primeira variável selecionada com as demais, duas a duas e escolhe o segundo grupo mais relevante.

Feito isso, o programa executa o terceiro nível de análise e compara as duas variáveis selecionadas, agora três a três, e escolhe a terceira variável e assim sucessivamente até que não reste nenhuma variável estatisticamente relevante. Este processo, que se dá do nível 0 até o nível N, recebe o nome de *stepup*.

O processo descrito acima ocorre também inversamente, ou seja, do nível N até o nível 0 e recebe o nome de *stepdown*.

No *stepdown* o programa testa novamente todas as variáveis (as selecionadas e as não selecionadas no *stepup*) e verifica se as variáveis selecionadas não são eliminadas e se as variáveis não selecionadas são eliminadas. Segundo SANKOFF (1988b:991-992), “O ideal é que a análise *stepdown* pare de eliminar grupos quando os restantes fazem parte do conjunto de grupos que foram selecionados na análise *stepup*. Neste caso, podemos estar bastante seguros de que este é o conjunto de grupos de fatores ideal. Ocasionalmente, as duas análises podem não coincidir. Neste caso, os grupos que não foram nem adicionados pelo *stepup* e nem eliminados pelo *stepdown*, e aqueles que foram tanto adicionados quanto eliminados apresentam status indefinido<sup>17</sup>.”

---

<sup>17</sup> “Ideally, the step-down analysis stops discarding groups when it is left with just the set of groups that were added in the step-up analysis. In this case, we can be fairly sure that this is the optimal group of factors. Occasionally, the two analyses do not coincide in this way. In this case, the groups which were neither added by the step-up nor discarded by the step-down, and those that were both added and discarded, remain of uncertain status.” (Sankoff, 1988:991-992)

Quanto à leitura dos pesos relativos, para análises binárias<sup>18</sup> tem-se lido que pesos relativos próximos a 100 são fortemente favorecedores da regra de aplicação do fenômeno em estudo, próximos a 0.50 são neutros em relação à aplicação da regra e próximos a zero desfavorecem a aplicação da regra.

Além dessa leitura, segundo SANKOFF, o que mais importa é a relação entre os números propriamente ditos, nas suas palavras: “é a comparação dos efeitos de quaisquer dois fatores em um grupo de fatores (medida pelas suas diferenças) que é importante, e não os seus valores individuais<sup>19</sup>” (SANKOFF, 1988:989).

Por fim, vale lembrar que os números são apenas acessórios, cabendo ao lingüista a importante função de interpretar lingüisticamente os resultados.

---

<sup>18</sup> Um exemplo típico de análise binária é o presente estudo, onde temos a possibilidade de realização de duas variáveis: verbo com flexão de segunda pessoa e verbo sem flexão de segunda pessoa. Ex.. tu falas/tu fala.

<sup>19</sup> “It is the comparison of the effects of any two factors in a factor group (as measured by their difference) which is important, and not their individual values” (Sankoff, 1988:989).

## 5 - ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

Partindo do pressuposto de que todo e qualquer fenômeno variável está sob a influência de várias forças variáveis simultâneas e que empiricamente é praticamente impossível observar uma só força em ação, procuramos dar conta da variação encontrada na concordância do verbo que acompanha o pronome TU através da análise de 12 variáveis (8 lingüísticas e 4 sociais) que listaremos a seguir de acordo com a ordem de escolha pelo programa computacional VARBRUL:

- 1 - Paralelismo Formal;
- 2 - Região;
- 3 - Tempo Verbal;
- 4 - Explicitação do Pronome;
- 5 - Interação Emissor/Receptor;
- 6 - Tonicidade do Verbo;
- 7 - Número de sílabas do Verbo;
- 8 - Grau de Escolarização;
- 9 - Faixa Etária.
- 10 - Contexto Fonológico Seguinte<sup>20</sup>;
- 11 - Saliência Fônica;
- 12 - Sexo.

---

<sup>20</sup> As últimas três variáveis (nº. 10, 11 e 12) foram eliminadas como estatisticamente não relevantes pelo VARBRUL.

Este capítulo destina-se à análise<sup>21</sup> das variáveis lingüísticas listadas acima<sup>22</sup> e, no decorrer da mesma, explicitaremos os fatores de cada variável, bem como os objetivos e hipóteses que nos levaram a trabalhar com cada uma delas. Procuramos também colocar exemplos, sempre que necessário, para que haja um melhor entendimento dos grupos de fatores trabalhados.

---

<sup>21</sup> A análise aqui empreendida corresponde à rodada com todas as variáveis lingüísticas e sociais juntas. Fizemos também rodadas separadas mas não houve alterações significativas nos pesos relativos e nem na ordem de escolha das variáveis.

<sup>22</sup> As variáveis sociais consideradas em nossa pesquisa serão objeto de análise no capítulo 6 desta dissertação.

## 5.1 - PARALELISMO FORMAL

O princípio da economia lingüística vem sendo evocado, tradicionalmente, para explicar fenômenos que envolvem variação na concordância. Esse princípio postula que quanto mais previsível uma informação, menos codificação ela requer (cf. Haiman 1983:807, apud Scherre, 1988:49).

Entretanto, diversos estudos têm mostrado que no uso real este princípio nem sempre se aplica. O que tem se verificado é uma tendência de “marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros”(Poplack, 1980), ou, de uma forma mais geral, “uma tendência de formas gramaticais semelhantes ocorrerem juntas” (cf. Schiffrin, 1981; apud Scherre & Naro, 1993).

Essa tendência é conhecida na literatura com o nome de **Paralelismo Formal**, cujo efeito tem se mostrado altamente relevante em diversos fenômenos analisados, principalmente no campo da sintaxe e da morfossintaxe de diversas línguas<sup>23</sup>.

No Português do Brasil existem hoje vários trabalhos que abordaram a variável em questão. Podemos citar como exemplo: Omena, 1978; Naro, 1981; Scherre, 1988; 1991; Scherre e Naro, 1993; Vazzata Dias, 1996; Fernandes, 1996, entre outros.

---

<sup>23</sup> Scherre (1988:381-415) atesta a existência de estudos sobre a influência do Paralelismo Formal nas línguas: Português, Espanhol, Francês, Inglês, Quechua e Crioulo Cabo-Verdiano.

Em nosso trabalho, nos baseamos especificamente em Scherre (1991) e Scherre e Naro (1993).

Scherre (1991) trabalhou o Paralelismo Formal das Sequências de Predicativos/Particípios no Discurso inicialmente em dez categorias que foram reduzidas a cinco no final da análise:

- 1) Predicativo/particípio em construção isolada;
- 2) Primeiro de uma série;
- 3) Predicativo/particípio precedido de predicativo/particípio com todas as marcas de plural;
- 4) Predicativo/particípio precedido de predicativo/particípio sem marcas de plural; e
- 5) Casos mistos.

Para considerar a existência de uma série, Scherre (1991) estabeleceu que os predicativos/particípios tinham de se referir ao mesmo sujeito ou tinham que ter a mesma forma caso se referissem a sujeitos distintos e a construção analisada não deveria estar separada da construção anterior por mais de dez estruturas com verbo finito no discurso do falante<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> Quanto à interrupção do discurso pela fala do interlocutor, a autora não deixa claro, no texto de 1991, se considerou como sendo mais um critério a observar.

Em relação aos *casos mistos*, Scherre (1991) considerou as ocorrências em série em que o predicativo/particípio era precedido por formas marcadas e seguido por formas não marcadas, ou vice-versa. A análise destes casos também foi feita vendo a influência recíproca do que vinha antes e do que vinha depois da forma sob análise.

Já Scherre & Naro (1993) estudaram o efeito do Paralelismo Formal na Concordância Verbal e estabeleceram os seguintes fatores para o nível discursivo (marcas no verbo):

- 1) Verbo precedido de verbo com marca formal de plural;
- 2) Verbo precedido de verbo sem marca formal de plural;
- 3) Verbo isolado ou primeiro de uma série.

Para definir se uma determinada construção estava ou não em uma série, os autores adotaram os mesmos critérios estabelecidos por Scherre (1991) e acrescentam que a construção analisada não poderia estar interrompida pelo discurso do interlocutor.

Tanto Scherre (1991) como Scherre e Naro (1993) chegaram à conclusão de que marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros.

Em nosso estudo, trabalhamos com a variável Paralelismo Formal no Nível Discursivo e objetivamos verificar se a tendência de que *formas gramaticais particulares tendem a ocorrer juntas* vem a ser confirmada também no fenômeno que estamos analisando. Como os demais estudos variacionistas que trabalharam com esta variável, nossa hipótese é de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (Poplack, 1980).

Para tanto, primeiramente estabelecemos cinco fatores para compor a análise. Em seguida separamos todas as ocorrências em série das ocorrências isoladas. Para considerar a existência de uma série, estabelecemos dois critérios: 1) a construção analisada deveria ter o sujeito com a mesma referência que o sujeito da construção anterior e 2) não deveria estar separada da construção anterior pelo discurso do entrevistador.

Após definirmos a noção de série, partimos para a definição de como analisar as séries mistas. Primeiramente, numa rodada teste, analisamos estes casos da mesma forma que Scherre (1991): vendo a influência da esquerda sobre a direita e vice-versa, ou seja, a influência recíproca no interior das ocorrências em série. Mas, posteriormente tomamos conhecimento que, segundo Naro<sup>25</sup>, não existe uma forma adequada de se testar a influência da direita sobre a esquerda, pois corre-se o risco de

---

<sup>25</sup> Naro fez estas colocações em uma comunicação pessoal à Marta Scherre.

codificar a consequência (influência que a direita recebeu da esquerda) como causa (suposta influência da direita sobre a esquerda).

Tendo em vista isso, resolvemos analisar as séries mistas de outra maneira. Dessa vez nos baseamos na forma como Scherre trabalhou a variável *marcas precedentes* em sua tese de doutorado (1988). Isto é, analisamos os verbos somente olhando para o verbo que vinha antes e dispensando a cada série mista uma análise do tipo: OS-, S0-, OS0-, OS0S-<sup>26</sup>; e assim sucessivamente, até abordar toda a série mista na análise.

Feita essa nova codificação, rodamos os dados novamente e, de acordo com os resultados obtidos, começamos a juntar os contextos semelhantes, até ficarmos com dois tipos de casos mistos: a) Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é marcado (ex.: OS-) e b) Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é não marcado (ex. S0-).

Com esta nova forma de analisar os *casos mistos*, passamos a ter seis fatores em nossa análise. Estes podem ser conferidos a seguir, bem como os seus respectivos exemplos<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> Lê-se: O verbo não marcado; S verbo marcado; - verbo sob análise.

<sup>27</sup> O dado relevante para ilustrar cada fator aparece em caixa alta; em itálico aparece o restante da série.

1 - Primeiro de uma série - “...é uma carta que PUXAS do monte, *tu bate aí tu fica* com dez pontos...” (FLN 10 GIN A M);

2 - Verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância - “...*tu tavas* ferrada, ou *fugias* pela porta de trás ou ENCARAVAS a bichinha...” (FLN 28 GIN C M);

3 - Verbo de uma seqüência sem marcas de concordância - “... e *tu faz* o seguinte: *tu pega* um microfone e BOTA no chão...” (POA 01 PRI B M);

4 - mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é marcado - “...tem uns barzinho pra *tu ficá* se não *queres* vê o show, depois tu VAI pra ali e *ficas* tomando cervejinha...”(FLN 33 GIN C F);

5 - mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento analisado é não marcado - “...quando *tu entras* hoje, *tu entra* na estrada geral e tu DESCES direto pra praia...” (FLN 24 COL B F);

6 - Verbo em construção isolada - “esporros que tu não QUERIA nem vê.” (FLN 01 PRI A F).

Os resultados<sup>28</sup> da análise da variável Paralelismo Formal no Nível Discursivo podem ser vistos na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1

## PARALELISMO FORMAL NO NÍVEL DISCURSIVO (MARCAS NO VERBO)

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância	219/241	91%	0,94
Verbo de uma seqüência sem marcas de concordância	45/740	6%	0,19
Verbo em construção isolada	212/553	38%	0,65
Primeiro de uma série	158/538	29%	0,55
Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é marcado	6/16	38%	0,57
Mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é não marcado	2/12	17%	0,27
<b>TOTAL:</b>	<b>642/2100</b>	<b>31%</b>	

<sup>28</sup> Vale lembrar que fizemos várias rodadas antes de chegarmos à rodada definitiva. Em todas elas a variável Paralelismo Formal foi sempre a primeira selecionada como estatisticamente mais relevante.

Os resultados apresentados na Tabela 1 demonstram que marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros também em nosso estudo. Isso é evidenciado ao olharmos para o fator *verbo de uma seqüência com todas as marcas de concordância* para o qual obtivemos 0,94 de peso relativo, enquanto que para o fator *verbo de uma seqüência sem marcas de concordância* obtivemos somente 0,19 de peso relativo.

Através desses dois fatores, vemos que o Paralelismo Formal envolve não só a repetição da forma com presença de substância, mas envolve também a repetição da forma zero. Vemos também que os verbos precedidos de verbos marcados tendem a ser muito mais marcados do que os verbos precedidos de verbos não marcados.

Ainda em relação a esses dois fatores, os resultados obtidos se assemelham bastante aos de Scherre (1991) que obteve 0,70 para uma seqüência com marcas e 0,13 para uma seqüência sem marcas. Já os resultados de Scherre e Naro (1993) são um pouco menos polarizados, mas mantêm a mesma hierarquia, eles obtiveram 0,66 e 0,18 respectivamente.

Diante destes resultados, constatamos mais uma vez a regularidade e a força desta variável atuando sobre o fenômeno da concordância em geral.

Em relação aos fatores *primeiro de uma série* (0,55) e *verbo em construção isolada* (0,65), verificamos uma leve tendência para estes concordarem mais. De qualquer maneira, a diferença entre eles não é muito acentuada, havendo a propensão de serem intermediários em relação à influência na presença de marcas.

Scherre (1991) obteve resultados inversos aos nossos, ou seja, para o fator *primeiro de uma série* ela obteve 0,66 de Peso Relativo, enquanto que para os casos *isolados* obteve 0,54 de Peso Relativo. Mas, mesmo tendo ocorrido essa inversão, observamos que a diferença entre eles se mantém quase a mesma - 0,12 para Scherre e 0,10 para o nosso estudo.

Scherre e Naro (1993) analisaram conjuntamente estes dois fatores e apresentam 0,48 de peso relativo, o que, para o fenômeno estudado pelos autores, não provocou aumento ou diminuição de marcas em relação à média global da concordância.

Quanto aos *casos mistos*, obtivemos resultados que julgamos bastante interessantes: para a *mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é marcado* (0,57) obtivemos uma concordância bem maior se comparada à *mistura de marcas em que o elemento anterior ao analisado é não marcado* que obteve somente 0,27 de peso relativo. Vemos aí, portanto, uma diferença de 0,30 entre os dois fatores. Isso vem evidenciar o que Scherre e Naro afirmaram em 1991:

“Em todos os fenômenos estudados, da concordância verbal e da concordância nominal , pode-se ver que uma presença de marcas precedendo o item analisado leva preferencialmente a mais marcas e vice-versa...” (Scherre & Naro, 1991b:30).

Além disso, com esta nova forma de analisar os *casos mistos*, vemos atuar também nestes contextos a força do Paralelismo Formal no processamento das unidades discursivas onde “marcas de uma só natureza conduzem a mais marcas do que marcas de natureza distinta”(Scherre, 1992b:22).

## 5.2 - EXPLICITAÇÃO DO PRONOME

O fenômeno da variação explicitação/não-explicitação de pronomes na função de sujeito tem merecido a atenção de diversos pesquisadores de várias línguas. No português temos, entre outros, Lira (1982); Abreu (1987); Paredes da Silva (1988); Ramos (1989) e Soares (1994).

Em nossa pesquisa, consideramos a explicitação ou não do pronome como uma variável independente e analisamos os fatores exemplificados abaixo:

1 - Pronome explícito imediatamente antes do verbo - "...TU FICÔ boazinha mays o que TU FEYZ TU VAI pagá..." (POA 18 PRI B M);

2 - Pronome explícito com material interveniente - "...Tu nunca te METESSE em briga, TU sempre FOSSE um camarada..." (FLN 13 GIN B M);

3 - Sem pronome explícito - "... Ø TENS alguma pergunta pra me fazê?" (FLN 18 COL A M);

"...*tu andava* a noite toda dum lado pro otro, Ø NAMORAVA daqui Ø NAMORAVA dali..." (FLN 04 PRI A M);

Nossa expectativa em relação a essa variável é que não aparecendo o pronome explícito haja mais concordância verbal pois, neste caso, cabe às desinências verbais indicarem de que forma o falante se refere ao ouvinte, uma vez que o pronome encontra-se elíptico.

Os resultados podem ser vistos na Tabela 2.

**Tabela 2**  
**EXPLICITAÇÃO DO PRONOME**

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Sem pronome explícito	303/630	48%	0,72
Pronome explícito imediatamente antes do verbo	273/1188	23%	0,42
Pronome explícito com material interveniente	66/282	21%	0,33
<b>TOTAL</b>	<b>642/2100</b>	<b>31%</b>	

De acordo com os resultados da Tabela 2, vemos confirmada nossa expectativa em relação a essa variável, tendo em vista que o fator *sem pronome explícito* lidera a manutenção da concordância verbal em estudo com 0,72 de peso relativo, ao passo que quando o *pronome* está *explícito imediatamente antes do verbo* o peso relativo foi de 0,42, e quando há *material interveniente entre o pronome e o verbo* o peso relativo foi de 0,33.

Vemos também que quando o pronome aparece explícito com ou sem material interveniente entre ele e o verbo não há uma grande diferença em termos de pesos relativos (a diferença é de 0,09). Logo, se o pronome aparece explícito há uma tendência de se fazer menos concordância verbal com o pronome TU.

Na verdade, de acordo com os resultados obtidos, temos uma oposição entre sujeito explícito vs. sujeito não explícito, no sentido de que a presença do pronome sujeito TU praticamente se basta como referência e, na sua ausência, há a necessidade de fazê-lo reconhecido através da flexão verbal. Sendo assim, podemos explicar estes resultados através do *princípio da iconicidade*, mais especificamente do *subprincípio da quantidade*, numa ótica funcionalista givoniana, segundo o qual uma “informação menos previsível receberá mais material de codificação” (Givón, 1990:969).

Ainda com tais resultados, constatamos a presença de Motivações em Competição (cf. Du Bois, 1984), uma vez que temos uma motivação nitidamente funcionalista: a da recuperação da informação e temos uma motivação do Princípio do Processamento com Paralelismo que leva para repetir zeros e para repetir marcas. E, se a hipótese de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros fosse única, o esperado seria que o sujeito zero favorecesse menos a presença de marcas do que qualquer outro fator, o que não ocorreu.

Mas, como explicar que de um total de 630 ocorrências para o fator *sem pronome explícito* houve 327 não aplicações da regra? E como fica a ambigüidade neste caso, pois sabemos que se o pronome estiver elíptico e não houver a marca de segunda pessoa no verbo, este pode passar a ser interpretado como de terceira pessoa.

As dúvidas levantadas acima foram controladas da seguinte maneira: para todo dado analisado, o pronome TU teria que aparecer no contexto discursivo precedente, caso contrário não tínhamos como afirmar que se tratava da segunda pessoa e desconsiderávamos essas ocorrências.

Para ilustrar melhor, colocaremos a seguir dois exemplos em que os verbos sob análise aparecem em caixa alta:

a) “...*tu coloca* passas de uva, *tu faz* o salpicão e Ø COLOCA maçã também...” - (FLN 01 PRI A F);

b) “...*tu tem* que dexá o fermento crescê, depois Ø BOTA óleo, Ø BOTA o sal, açúcar daí *tu vai* botando a farinha...” - (POA 08 PRI A F).

Apesar do exposto acima, achamos interessante que a variável *explicitação do pronome* seja retomada no futuro para uma análise mais aprofundada da questão da ambigüidade e da possibilidade de perda da informação.

### 5.3 - INTERAÇÃO EMISSOR/RECEPTOR

Através da análise da variável *interação emissor/receptor* visamos verificar em que situação o falante faz mais concordância verbal quando usa o pronome TU.

Esta variável é composta por cinco fatores que se encontram listados a seguir, com seus respectivos exemplos:

1- O falante dirige-se ao entrevistador - "...não sei se TU CONHECE a Escola Batista, onde tem aquelas flores muito bonitas que TU DISSESSE..." (RIB 11 COL C F);

2 - O falante dirige-se a um interveniente<sup>29</sup> - "...que que TU QUERES Rogério?" (FLN 04 PRI A M);

3 - O falante repete a fala de outra pessoa - ...ele disse: "TU ÉS tão forte que não CONSEGUES te mediunizá..." (RIB 12 COL A F);

4 - O falante dirige-se a um interlocutor genérico - "...TU COLOCA passas de uva, TU FAZ o salpicão e COLOCA maçã também..." (FLN 01 PRI A F);

---

<sup>29</sup> Interveniente é uma denominação adotada pelo Projeto VARSUL para qualquer pessoa que esteja presente durante a entrevista, geralmente são familiares do informante.

### 5 - Função fática<sup>30</sup>

“...eles adoram a minha maionese, TU ENTENDE?” (FLN 09 GIN A F);

“...as pessoas tinham terrenos grandes, ENTENDESSE?” (RIB 05 COL A M).

Apontados os fatores que fazem parte desta variável, nossa hipótese é que o falante faz mais concordância verbal quando se dirige ao entrevistador, tendo em vista que este não é uma pessoa íntima do informante e, neste tipo de interação, por mais que se tente neutralizar, há sempre um pouco de formalidade presente. A seguir, apresentamos a Tabela 3 com os resultados desta variável:

Tabela 3

#### INTERAÇÃO EMISSOR/RECEPTOR

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Dirigindo-se ao entrevistador	143/268	53%	0,65
Repetindo a fala de outra pessoa	236/526	45%	0,59
Dirigindo-se a um interveniente	5/28	38%	0,57
Dirigindo-se a um interlocutor genérico	205/1105	29%	0,47
Função fática	53/183	19%	0,22
<b>TOTAL:</b>	<b>642/2100</b>	<b>31%</b>	

<sup>30</sup> Função fática “é a função da linguagem através da qual o ato de comunicação tem por fim assegurar ou manter o contato entre o falante e o destinatário” (Dubois, 1993:275).

Observando os resultados da Tabela 3, constatamos que quando *o falante se dirige ao entrevistador* realmente a concordância é maior. Obtivemos 0,65 de peso relativo, o que vem confirmar que há um certo cuidado na linguagem neste tipo de interação.

Quando *o interlocutor é um interveniente*, esperávamos um peso relativo menor que o obtido (0,57), pois acreditávamos que pelo fato de o interveniente ser uma pessoa íntima do falante, esta intimidade seria manifestada através de um uso menos cuidado da linguagem. Porém, não podemos nos esquecer que a interação se dá na presença do entrevistador, o que pode justificar o resultado obtido.

Já quando *o informante repete a fala de outra pessoa*, a expectativa é de que se mantenha fiel à fala da pessoa que ele está repetindo. Obtivemos aqui um peso relativo de 0,59.

Quando o falante se dirige a um *interlocutor genérico*, acreditávamos que haveria um descomprometimento maior com a linguagem, porque aqui ele ficaria totalmente livre por não estar se dirigindo a nenhuma pessoa específica. O resultado obtido foi de 0,47, o que foi maior que o esperado. Entretanto, se compararmos ao fator *dirigindo-se ao entrevistador*, que obteve 0,65 de peso relativo, a concordância

verificada é bem menor. Observe-se também que o percentual associado a este fator é bastante baixo, 29%.

Quanto à *função fática*, obtivemos somente 0,22 de peso relativo. Esse resultado seria facilmente aceitável se não tivéssemos formas fáticas no pretérito perfeito, onde acreditamos que predomina a concordância em casos como: *entendesse? visse?* típicos de Florianópolis e do Ribeirão da Ilha. Por outro lado, quando as formas fáticas encontram-se no presente do indicativo (*sabe? entende?*) acreditamos que estas formas já estejam a caminho de uma cristalização na língua como não concordância.

Para desfazer essa dúvida, efetuamos uma tabulação cruzada entre a variável Tempo Verbal e o fator Função Fática e constatamos que de um total de 183 ocorrências e 57 aplicações da regra, 23 casos de *função fática* estavam no pretérito perfeito (com assimilação do -t *entendesse? visse?*) e nesses 23 casos houve 100% de aplicação da regra; enquanto que no presente do indicativo (*sabe? entende?*) ocorreram 158 casos com 85% de não aplicação da regra.

Portanto, como pudemos constatar, a baixa concordância verbal associada às *formas fáticas* deveu-se ao fato de a maioria das formas estarem no presente do indicativo, tempo esse já praticamente cristalizado na língua como não concordância quando estiver denotando a *função fática*.

#### 5.4 - DUAS VARIÁVEIS PARCIALMENTE SOBREPOSTAS: TEMPO VERBAL E SALIÊNCIA FÔNICA

Apresentaremos, a seguir, as variáveis Tempo Verbal e Saliência Fônica separadamente para explicitar a forma como trabalhamos com cada uma delas. Na seqüência, apresentaremos a análise dos resultados obtidos e tentaremos demonstrar a sobreposição das duas variáveis em questão.

##### a) TEMPO VERBAL

A variável Tempo Verbal está sendo considerada neste estudo com o objetivo de verificar se o tempo em que se encontra o verbo (presente, pretérito, futuro) exerce influência para uma maior concordância verbal com o pronome TU.

Os fatores que compõem esta variável são os seguintes:

1 - Presente do indicativo - "...se não QUERES vê o show, depois tu VAI pra ali e FICAS tomando cervejinha..." (FLN 33 GIN C F);

2 - Pretérito perfeito do indicativo - "...meu Deus, onde é que tu MATASSE esse peixe?" (RIB PRI A M);

"...tu te ARREPENDEU, tu FICÔ boazinha..." (POA 18 PRI B M);

3 - Pretérito imperfeito do indicativo - "...tu ISTUDAVA aqui primero..." -  
(FLN 06 PRI B M);

4 - Presente do subjuntivo - "...eles exigem que tu PARE e FIQUE brincando  
com eles..." (POA 20 COL A F);

5 - Pretérito imperfeito do subjuntivo - "...e se tu FALASSE baxinho, normal..."  
(FLN 03 PRI A F );

6 - Futuro do subjuntivo - "...porque se tu QUISERES levá pra ti..." (FLN 11  
GIN A F );

7 - Infinitivo pessoal - "...é bom não FALARES mais com ele..." (FLN 28 GIN  
C M).

## b) SALIÊNCIA FÔNICA

Os primeiros estudos visando analisar o papel da Saliência Fônica no Brasil foram feitos por Lemle e Naro em 1976 com “Syntactic Diffusion”, onde analisaram a fala de quatro informantes do Rio de Janeiro. Em 1977 estes autores ampliaram a pesquisa para 20 falantes (alunos do MOBRAL) através do Projeto “Competências Básicas do Português” e introduziram o princípio da Saliência Fônica, segundo o qual: “as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (apud Scherre, 1992:301).

Nos trabalhos supracitados, Lemle e Naro estudam a Saliência Fônica no âmbito da Concordância Verbal, mais especificamente o grau de diferenciação material fônica na oposição singular/plural, e concluem que quanto mais saliente for essa diferença, mais concordância verbal será feita.

Várias outras pesquisas de base laboviana têm demonstrado a aplicabilidade desse princípio, tanto na concordância verbal: Naro, 1981; Naro, Gorski & Fernandes, 1983; Nicolau, 1984; Rodrigues, 1987; bem como na concordância nominal: Braga e Scherre (1976); Braga (1977); Scherre (1978); Ponte (1979); Carvalho Nina (1980); Scherre (1988); Fernandes (1996); e, ainda, na concordância nos predicativos/participios passivos temos Scherre (1991); Vazzata Dias (1996), entre outros.

Em nossa pesquisa, resolvemos testar o grau de oposição fonética entre as formas dos verbos com os seguintes fatores:

1 - Acréscimo de -S

“...tu ALIMENTAS o que tu TENS dentro de ti...” - (FLN 35 COL C F);

2 -Acréscimo de -ES

“...tu não QUERES i lá na venda pra mim...” - (FLN 04 PRI A M);

3 - Acréscimo de -STE/-SSE

“...ela disse: tu FICASSE defendendo o cara e não GANHASSE nada em troca...” - (FLN 28 GIN C M);

“...ele assim: isso aí que tu FALASTE<sup>32</sup> pra mim...” - (POA 02 COL B F);

---

<sup>32</sup> Quanto ao acréscimo de -ste tivemos apenas 06 ocorrências em nossos dados; sendo 03 em Porto Alegre e 03 em Florianópolis e todos em situações interacionais especiais, conforme será visto com mais detalhes na página 75 deste capítulo.

c) SOBREPOSIÇÃO DAS VARIÁVEIS:

Para que pudéssemos ter uma visão geral do que estava ocorrendo com as variáveis Tempo Verbal e Saliência Fônica, efetuamos várias rodadas teste e chegamos ao seguinte quadro:

\* A Saliência Fônica só é selecionada como estatisticamente relevante se na mesma rodada excluirmos o Tempo Verbal;

\* O Tempo Verbal, por sua vez, é selecionado como estatisticamente relevante em todas as rodadas<sup>33</sup>.

Para termos uma visão mais clara do que está ocorrendo com a Saliência Fônica, apresentaremos na Tabela 4 os resultados desta variável do nível 1 do *stepup*, ou seja, os resultados da Saliência sozinha e também os resultados dela quando comparada com o Tempo Verbal:

---

<sup>33</sup> Os resultados da variável Tempo Verbal encontram-se nas páginas 70 a 78 desta dissertação.

Tabela 4

## SALIÊNCIA FÔNICA

Fatores	Apl./Total	%	P.R.(nível 1) só saliência	P.R.(Saliência com Tempo V.)
Acréscimo de -S	452/1594	28%	0,49	0,47
Acréscimo de -ES	44/313	14%	0,28	0,62
Acréscimo de -STE/-SSE	146/193	76%	0,88	0,57
TOTAL:	642/2100	31%		

Conforme podemos observar na Tabela 4, os resultados do nível 1 (só Saliência) eram os esperados para esta variável. O único fator que destoa é quanto ao acréscimo de -ES que, por ser o segundo nível mais saliente, deveria apresentar um peso relativo maior que 0,28. Porém, por se tratar de um caso especial de concordância por abranger os verbos que estão no futuro do subjuntivo e no infinitivo pessoal<sup>34</sup>, este resultado passou a ser aceitável.

Olhando para os resultados de quando a Saliência é comparada com o Tempo, vemos que quanto ao acréscimo de -S os pesos relativos não sofrem grandes alterações (0,49 para 0,47). Porém, o mesmo não ocorre com o acréscimo de -ES que de 0,28 no nível 1 aumenta para 0,62 quando a Saliência é comparada com o Tempo.

<sup>34</sup> Sobre este assunto, ver página 71 desta dissertação.

Quanto ao acréscimo de -STE/-SSE, verificamos que a influência do Tempo Verbal faz o peso relativo cair de 0,88 para 0,57.

Portanto, verificamos que a variável Tempo está alterando os resultados da variável Saliência e, quando ocorre a interação das duas, a Saliência é eliminada como estatisticamente não relevante e o Tempo é selecionado.

Para visualizar melhor essa sobreposição, efetuamos uma Tabulação cruzada entre Tempo e Saliência na Tabela 5.

**Tabela 5**  
**Tabulação Cruzada entre Tempo Verbal e Saliência Fônica**

	Acréscimo de -S			Acréscimo de -ES		Acréscimo de -STE/-SSE		Total	
Pret. perf. indic.	1	0	0%	0	0%	145	76%	145	76%
	-	0	0%	0	0%	47	24%	47	24%
	T	0		0		192		192	
Presente do indic.	1	407	28%	32	30%	0	0%	439	29%
	-	1024	72%	76	70%	0	0%	1100	71%
	T	1431		108		0		1539	
Pret. imp. do indic.	1	40	31%	0	0%	0	0%	40	31%
	-	87	69%	0	0%	0	0%	87	69%
	T	127		0		0		127	
Pres. do subjunt.	1	1	7%	0	0%	0	0%	1	7%
	-	13	93%	0	0%	0	0%	13	93%
	T	14		0		0		14	
Pret. imp. subjunt.	1	3	18%	0	0%	0	0%	3	18%
	-	14	82%	0	0%	0	0%	14	82%
	T	17		0		0		17	
Fut. do subjunt.	1	0	0%	11	8%	0	0%	11	8%
	-	0	0%	126	92%	0	0%	126	92%
	T	0		137		0		137	
Infinit. pessoal	1	0	0%	1	1%	0	0%	1	1%
	-	0	0%	68	99%	0	0%	68	99%
	T	0		69		0		69	

Obs. Os símbolos (1, -, T) encontrados na Tabela acima significam: 1= aplicação da regra; - não aplicação da regra e T= total de ocorrências.

De acordo com a Tabela 5, vemos que o Tempo *pretérito perfeito do indicativo* só ocorre no nível mais alto de saliência (acréscimo de *-ste/-sse*), sendo também o único tempo que ocorre neste nível. Há aqui, nitidamente, uma sobreposição desses dois fatores, o que explica as alterações nos resultados para o acréscimo de *-ste/-sse* verificados anteriormente.

Quanto ao fator acréscimo de *-ES*, verificamos que há três tempos verbais que atuam aqui: o *presente do indicativo* com 108 ocorrências; o *futuro do subjuntivo* com 137 e o *infinitivo pessoal* com 69 ocorrências. Destes tempos verbais, apenas o presente do indicativo não se sobrepõe totalmente, pois a maioria das ocorrências deste tempo (1431 dados) encontram-se no primeiro nível de saliência (acréscimo de *-s*).

Como dissemos anteriormente, diante dessa sobreposição de fatores a Saliência Fônica é eliminada da rodada e o Tempo Verbal é selecionado. Mas por que não se dá o inverso, ou melhor, que traço teria o Tempo Verbal para ser mais forte que a Saliência?

Para tentar solucionar essa dúvida, fizemos uma rodada por *faixa etária* com os dados de Florianópolis<sup>35</sup> para ver se a Saliência continuaria a ser eliminada em todas as faixas etárias.

---

<sup>35</sup> Escolhemos Florianópolis para fazer este teste por termos três faixas etárias completas, o que não ocorre com Porto Alegre e Ribeirão da Ilha.

De posse dos resultados, verificamos que na faixa etária de mais de 50 anos a Saliência Fônica foi selecionada e o Tempo Verbal eliminado; o mesmo ocorrendo com a faixa etária de 25 a 49 anos<sup>36</sup>. Entretanto, na faixa etária mais jovem (15 a 24 anos) este quadro se inverteu: o Tempo é que foi selecionado e a Saliência eliminada.

Pelo que foi dito acima, vemos que para os mais velhos o que está condicionando uma maior concordância verbal é a Saliência Fônica (nível da fonética), enquanto que para os mais jovens é o Tempo Verbal que condiciona mais marcas de concordância (nível da morfologia). Logo, poderia estar havendo uma mudança em curso no português falado, no sentido de deslocar o condicionamento da flexão verbal que acompanha o pronome TU do nível da fonética para a o nível da morfologia.

Este fenômeno de mudança em curso já havia sido constatado por Naro, Gorski & Fernandes (1983), num estudo sobre a concordância verbal com o sujeito nós/a gente na fala de 64 falantes do Rio de Janeiro.

Todavia, para afirmarmos que esta mudança está se dando também no nosso caso, precisaríamos ter um número maior de dados, bem como uma estratificação etária para as outras duas localidades em estudo (Porto Alegre e Ribeirão da Ilha). Fica, portanto, como sugestão para uma futura ampliação do trabalho.

---

<sup>36</sup> Dos 12 informantes de 25 a 49 anos, apenas 2 encontram-se na faixa etária de 25 a 30 anos, os 10 restantes têm acima de 35 anos.

Tentamos demonstrar até aqui a sobreposição das variáveis Tempo e Saliência. Dando continuidade, vamos apresentar na Tabela 6 os resultados da variável Tempo Verbal.

d) RESULTADOS DA VARIÁVEL TEMPO VERBAL:

Tabela 6  
TEMPO VERBAL

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Pretérito perfeito do indicativo	145/192	76%	0,92
Pretérito imperfeito do indicativo	40/128	31%	0,54
Presente do indicativo	439/1540	29%	0,51
Futuro do subjuntivo	11/137	8%	0,27
Presente do subjuntivo	1/15	7%	0,28
Pretérito imperfeito do subjuntivo	3/19	3%	0,32
Infinitivo pessoal	1/69	1%	0,03
<b>TOTAL:</b>	<b>642/2100</b>	<b>31%</b>	

Analisaremos os resultados da Tabela 6, primeiramente levando em consideração o Tempo em que se encontra o verbo, para verificar se é realmente isto que está contribuindo para a relevância da variável em questão.

Iniciando pelo tempo pretérito, verificamos que dos fatores analisados o *pretérito perfeito do indicativo* é o que propicia mais marcas de concordância com 0,92 de peso relativo. Já para o *pretérito imperfeito do indicativo* verificamos um peso relativo de 0,54 enquanto que para o *pretérito imperfeito do subjuntivo* a queda é ainda maior, obtivemos 0,28 de peso relativo.

Quanto ao tempo presente, obtivemos para o *presente do indicativo* um peso relativo de 0,51, enquanto que para o *presente do subjuntivo* o peso relativo obtido foi de 0,28. Aqui vale uma ressalva quanto ao número de dados: para o *presente do indicativo* obtivemos 1540 ocorrências, enquanto que para o *presente do subjuntivo* obtivemos somente 15 ocorrências.

Em relação ao *futuro do subjuntivo* e ao *infinitivo pessoal*, não temos como comparar os resultados deles com outros fatores por serem as únicas formas encontradas em nossos dados. Obtivemos como resultado um peso relativo de 0,27 para o futuro do subjuntivo e 0,03 para o infinitivo pessoal. Como se pode constatar, a concordância é praticamente inexistente nestes dois casos, o que já era esperado,

pois são tempos que quase não se flexionam na Língua Portuguesa falada atualmente<sup>37</sup>.

Retomando então a análise do Tempo em que se encontra o verbo, o que se constata é que há muita disparidade entre os resultados obtidos tanto para os três tipos de pretérito quanto para os dois tipos de presente, o que demonstra que não é só a questão do tempo que está em jogo aqui.

Por outro lado, se analisarmos os fatores da variável em questão em relação ao Modo Verbal, constatamos que para o **modo indicativo** temos o *presente* com 0,51 de peso relativo e o *pretérito imperfeito* com 0,54; destoando apenas no que tange ao *pretérito perfeito* que obteve 0,92 de peso relativo. Este fator será analisado de forma separada mais adiante.

Em relação ao **modo subjuntivo** os resultados foram mais uniformes: para o *presente* obtivemos 0,28, para o *pretérito imperfeito* 0,32 e para o *futuro* 0,27 de peso relativo.

---

<sup>37</sup> Existem dois estudos que versam especificamente sobre estes dois tempos verbais: quanto ao futuro do subjuntivo, consultar Alzira Macedo (1980), e quanto ao infinitivo pessoal, ver Dionísio Ladeira (1986).

Retomando, temos a seguinte hierarquia: o *modo indicativo* vem em primeiro lugar propiciando mais marcas de concordância com 0,51 e 0,54 de peso relativo (sem contar aqui com o pretérito perfeito); em seguida temos o *modo subjuntivo* (com 0,28, 0,32 e 0,27) e, por último, a forma nominal do verbo - *infinitivo* - (com 0,03) onde a concordância é praticamente inexistente. É importante observarmos também a proximidade dos resultados entre os fatores do *modo indicativo* por um lado, e do *modo subjuntivo* por outro.

Vimos, portanto, que o *modo verbal* demonstrou-se altamente relevante para a escolha desta variável. E, acreditamos que isso se deva, em parte, ao fato de que na fala espontânea, usamos muito mais o *modo indicativo* que os outros. Prova disso é que no nosso trabalho obtivemos um total de 1860 ocorrências para o *modo indicativo*, enquanto que para o *modo subjuntivo* e para a forma nominal do verbo - *infinitivo* - obtivemos somente 171 e 69 ocorrências, respectivamente.

Poderíamos também levantar a hipótese de que a concordância com o *modo subjuntivo* e com o *infinitivo* é, de certa forma, mais complexa que com o *modo indicativo*, já que os dois primeiros comportam-se como construções marcadas em relação ao último. Esta marcação se dá tanto em termos de frequência, conforme referido no parágrafo anterior, como em termos de complexidade estrutural e cognitiva (Givón, 1990:947). O *modo subjuntivo* é, do ponto de vista estrutural ou sintático, o modo “por excelência de oração subordinada” (Cunha & Cintra, 1985:456); do ponto

de vista cognitivo, demanda maior esforço mental e tempo de processamento, pois “denota que uma ação ainda não realizada é concebida como dependente de outra”(p. 454). O mesmo vale para a forma do infinitivo pessoal. Já o *modo indicativo*, sendo “fundamentalmente o modo da oração principal” (p. 436) e, acrescentaríamos, da coordenação, é estruturalmente menos complexo; usado para exprimir “uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza” (id. *ibid.*), apresenta também menor complexidade cognitiva. Logo, diante do exposto, os falantes poderiam ficar inseguros quanto à forma gramaticalmente esperada de flexionar os verbos e, na dúvida, usariam verbos sem a respectiva flexão de segunda pessoa, a qual poderia vir explicitada através do uso do pronome.

Faremos menção agora ao fator *pretérito perfeito do indicativo* por ter sido o único que não se encaixou nem quanto ao Tempo nem quanto ao Modo Verbal. Na nossa opinião, o que propicia a alta concordância associada a este fator é a Saliência Fônica da terminação verbal.

Verificamos em nossos dados três tipos de terminações para o Pretérito Perfeito do Indicativo:

- a) -STE (ex: tu falaste);
- b) -SSE (ex: tu falasse);
- c) -U (ex: tu falou).

Quanto à terminação -STE, vale registrar que das 145 aplicações para o fator *pretérito perfeito do indicativo*, apenas 06 casos foram com o acréscimo de -ste. Destes, 03 casos foram em Florianópolis e 03 em Porto Alegre e todos em situações interacionais especiais: 05 casos ocorreram quando *o falante se dirigia ao entrevistador* e 01 caso quando *o falante repetia a fala de outra pessoa*. E, conforme verificamos no item 5.3, quando o falante se dirige ao entrevistador há sempre presente um pouco de formalidade, ao passo que quando ele repete a fala de outra pessoa, a tendência é que ele se mantenha fiel à forma como aquela pessoa fala. Diante do exposto, constatamos que a terminação -STE encontra-se praticamente em extinção na língua falada espontânea do Sul.

Já para a terminação -SSE obtivemos um total de 139 ocorrências. Consideramos esse caso como concordância, pois o que se verifica é apenas a assimilação do -t. Este fenômeno é típico de Florianópolis e do Ribeirão da Ilha, uma vez que só encontramos quatro ocorrências deste tipo em Porto Alegre, e todas quando o falante repetia a fala de outra pessoa.

Para a terminação -U (forma dita de terceira pessoa), encontramos um total de 47 ocorrências. Destas, 09 foram em Florianópolis, 01 no Ribeirão da Ilha e as demais em Porto Alegre.

O comportamento das três localidades em estudo em relação ao fator *pretérito perfeito do indicativo* pode ser melhor visualizado no Quadro 2.

Quadro 2

Nº de ocorrência das formas do Pretérito Perfeito do Indicativo por localidade

	-STE	-SSE	-U
Porto Alegre	03	04	37
Florianópolis	03	64	09
Ribeirão da Ilha	—	71	01
TOTAL:	06	139	47

Isso tudo nos leva a concluir que o -SSE é uma característica dos descendentes de açorianos, e, de certa forma, há uma identificação do povo ilhéu através da linguagem: primeiramente quanto ao uso do pronome TU geralmente com concordância, e essa identificação é acentuada nas formas do pretérito perfeito com o uso do -SSE.

Diante da alta concordância verificada nas formas do *pretérito perfeito* e também da relevância do fator Região<sup>38</sup>, acreditávamos que a concordância encontrada em Florianópolis e no Ribeirão da Ilha devia-se às formas do -SSE. Para constatar se isto se confirmava, fizemos duas rodadas teste: uma só com o Pretérito Perfeito e outra sem o Pretérito Perfeito e contrapomos à rodada geral com todos os grupos de fatores considerados nesta pesquisa. Os resultados podem ser conferidos na Tabela 7:

Tabela 7

Pesos relativos de: Região e Tempo Verbal (pretérito perfeito do indicativo)

Região	P.R. (Rodada geral)	P.R.(sem pretérito perfeito)	P.R.(só com pretérito perfeito)
Porto Alegre	0,12	0,16	0,01
Florianópolis	0,71	0,70	0,58
Ribeirão da Ilha	0,81	0,75	0,93

<sup>38</sup> A variável Região foi a segunda selecionada como estatisticamente mais relevante. Das três localidades consideradas, o Ribeirão da Ilha lidera a manutenção da concordância, seguido de Florianópolis. Em Porto Alegre a concordância verbal é praticamente inexistente.

Pelos resultados da Tabela 7, verificamos que se tirarmos o *pretérito perfeito* da rodada, os pesos relativos não sofrem grandes alterações: o Ribeirão da Ilha continua liderando a manutenção da concordância com 0,75, em seguida vem Florianópolis com 0,70, e Porto Alegre continua liderando a falta de concordância com 0,16 de peso relativo.

Entretanto, se rodarmos só com o *pretérito perfeito* a diferença se torna bastante polarizada, com Porto Alegre e Ribeirão nos dois extremos (0,01 e 0,93, respectivamente) e Florianópolis no intermediário com 0,58 de peso relativo.

Logo, com estes resultados chegamos à conclusão de que a forma utilizada para o *pretérito perfeito* (-SSE) não é o fator decisivo para a alta concordância encontrada em Santa Catarina.

## 5.5 - TONICIDADE DO VERBO

A Tonicidade é outra variável lingüística que tem sido amplamente controlada no estudo da concordância verbal, nominal e nos predicativos. E, na maioria das vezes, ela tem sido vista de acordo com a Saliência Fônica das formas sob análise.

No nosso caso, optamos por trabalhar a Saliência Fônica e a Tonicidade dos Verbos como duas variáveis separadas, tendo em vista não sentirmos a necessidade de efetuar um cruzamento entre elas, acreditando que cada uma das variáveis daria conta por si só da variação na concordância verbal em estudo. Também não tecemos comparações entre as duas variáveis devido ao fato de a Saliência Fônica ter sido eliminada da rodada e a Tonicidade selecionada.

Outro ponto que gostaríamos de deixar claro diz respeito à forma como analisamos os verbos, pois na literatura não há uma forma única de análise. Naro (1981a), por exemplo, em seu estudo sobre a terceira pessoa do plural, analisa a Tonicidade de acordo com a relação singular/plural dos verbos, enquanto que, na concordância nominal, Scherre (1988) analisa os itens lexicais em sua forma singular.

Em nosso estudo, não temos como proceder desta forma, tendo em vista que a concordância verbal com o pronome TU não apresenta o mesmo tipo de variação que os fenômenos citados acima. Então, optamos por trabalhar com a forma esperada gramaticalmente.

A variável Tonicidade do verbo ficou subdividida em:

1 - verbos oxítonos -...TU VÊ, ele disse pra mim: “domingo já faz oito anos que TU ESTÁS casada...” - (FLN 36 COL C F);

2 - verbos paroxítonos - “...se TU PARÁ<sup>39</sup> TU não PRECISA vim mais...” - (POA 08 PRI A F);

Nossa expectativa em relação à Tonicidade é que os verbos oxítonos, por terem acento na sílaba que vai receber a flexão de segunda pessoa, sejam mais marcados do que os paroxítonos, cuja sílaba final não é acentuada. Os resultados deste grupo de fatores encontram-se na Tabela 8.

---

<sup>39</sup> O esperado gramaticalmente neste exemplo seria: *se tu parares*, por isso foi analisado como paroxítono.

Tabela 8

## TONICIDADE DO VERBO

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Verbos Oxítonos	242/666	36%	0,77
Verbos Paroxítonos	400/1434	28%	0,37
TOTAL	642/2100	31%	

De acordo com os resultados da Tabela 8, verificamos que os verbos *oxítonos* favorecem a aplicação da regra em 0,77, enquanto que os *paroxítonos* a desfavorecem em 0,37 de peso relativo. Vemos, portanto, um resultado bem polarizado para estes dois fatores (uma diferença de 0,40), o que confirma nossa expectativa em relação a esta variável.

## 5.6 - NÚMERO DE SÍLABAS DO VERBO

Para incluir a presente variável em nosso estudo, tomamos como base o trabalho de Scherre (1988), no qual a autora trabalhou o *número de sílabas* na concordância nominal, testando três fatores: 1) monossílabo; 2) dissílabo e 3) mais de duas sílabas. Na ocasião, Scherre formulou a seguinte hipótese:

“...espera-se que os itens de maior número de sílabas, por conterem mais material fônico e serem, portanto, mais perceptíveis, sejam os mais marcados” (Scherre, 1988:75).

Na “Reanálise” de Scherre esta variável não se demonstrou relevante. Assim sendo, decidimos verificar qual seria o comportamento do Número de Sílabas na concordância verbal com o pronome TU em estudo. Nossos fatores controlados foram:

1 - Verbo Monossílabo - “...TU TENS que dá a folha, senão TU ÉS obrigada...”

(FLN 32 PRI C F);

2 - Verbo Dissílabo - “...daí TU já TÁYS morta porque TINHAS que te feito...”

(FLN 02 PRI A M);

3 - Verbo Trissílabo - “...TU TAVAS ferrada, ou FUGIAS pela porta...”- (FLN

28 GIN C M);

4 - Verbo Polissílabo -“...TU ALIMENTAS o que ... ENTENDESSE?” - (FLN 35 COL C F);

Para a análise da presente variável, adotamos os mesmos critérios estabelecidos para a variável Tonicidade, ou seja, tomamos como base a forma esperada gramaticalmente. Adotamos também a mesma hipótese estabelecida por Scherre (1988). Os resultados obtidos podem ser vistos na Tabela 9.

Tabela 9

NÚMERO DE SÍLABAS DO VERBO

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Verbo Monossílabo	185/563	33%	0,30
Verbo Dissílabo	270/912	30%	0,59
Verbo Trissílabo	126/472	27%	0,52
Verbo Polissílabo	61/153	40%	0,67
<b>TOTAL:</b>	<b>642/2100</b>	<b>31%</b>	

Olhando para os resultados da Tabela 9, constatamos que, em termos de manutenção da concordância, em primeiro lugar aparecem os verbos polissílabos com 0,67 de peso relativo, seguidos pelos dissílabos com 0,59 e depois pelos trissílabos com 0,52. Os monossílabos são os que menos mantêm a marca de concordância com 0,30 de peso relativo.

Segundo esses resultados, a hipótese de Scherre (1988) de que haveria mais concordância nos itens de maior número de sílabas é confirmada em nosso trabalho.

Entretanto, gostaríamos de colocar que neste grupo de fatores está havendo uma interferência da variável Tonicidade, no sentido de que os fatores da variável Número de Sílabas - monossílabos e dissílabos - têm seus pesos relativos alterados quando se dá a interação com aquela variável.

Para exemplificar melhor, colocaremos abaixo os pesos relativos do nível 1 do *stepup* onde aparecem somente os resultados da variável Número de Sílabas e os pesos relativos de quando se dá a interação com a variável Tonicidade:

Tabela 10

Pesos relativos - interferência da Tonicidade no Número de Sílabas:

Fatores	P.R.(nível 1 <i>stepup</i> só N° de Sílabas)	P.R (N° de Sílabas com Tonicidade)
Verbo Monossílabo	0,53	0,30
Verbo Dissílabo	0,49	0,60
Verbo Trissílabo	0,45	0,51
Verbo Polissílabo	0,60	0,65

Como podemos constatar na Tabela acima, para os verbos monossilábicos o peso relativo cai de 0,53 (no nível 1) para 0,30 quando é comparado com a Tonicidade, já para os dissílabos o peso relativo passa de 0,49 para 0,60. Os dois outros fatores (trissílabo e polissílabo) não sofrem grandes alterações.

Logo, se analisarmos somente os pesos relativos do nível 1 do *stepup*, os verbos *polissílabos* se iniciam liderando a manutenção da concordância com 0,60, mas os *monossílabos* vêm em segundo lugar com 0,53, havendo aqui uma diferença entre os dois de apenas 0,07. Já os *dissílabos* e *trissílabos* estão mais próximos com 0,49 e 0,45, respectivamente.

Diante destes novos resultados, até que ponto a hipótese levantada por Scherre (1988) se confirma em nosso trabalho? Seria realmente o número de sílabas que estaria atuando neste grupo de fatores? Acreditamos que esses questionamentos somente poderão ser respondidos através de um estudo mais detalhado sobre a questão. É o que pretendemos fazer no futuro.

## 5.7 - CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE

Incluimos a presente variável em nosso estudo com o intuito de verificar se o contexto que vem depois do verbo influencia a manutenção da concordância verbal em estudo. Para isso, analisamos se depois do verbo havia:

- a) Consoante
- b) Vogal
- c) Pausa

Nossa hipótese em relação ao comportamento dessa variável é que quando depois do verbo houver uma pausa a concordância é maior, por acreditarmos que este seja um contexto mais perceptível, que chame mais a atenção do ouvinte que os outros dois contextos mencionados.

Os resultados da variável Contexto Fonológico Seguinte encontram-se na Tabela 11.

Tabela 11

## CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Pausa	118/318	37%	0,51
Consoante	347/1150	30%	0,49
Vogal	177/632	28%	0,46
TOTAL:	642/2100	31%	

De acordo com os resultados da Tabela acima, vemos que os três fatores analisados consoante (0,49), vogal (0,46) e pausa (0,51) obtiveram valores muito próximos a 0,50, e, principalmente, os valores estão muito próximos entre si, o que demonstra a neutralidade desta variável sobre o fenômeno de concordância em estudo.

Vale destacar que das variáveis lingüísticas controladas neste estudo a presente variável foi a única eliminada como estatisticamente não relevante em todas as rodadas efetuadas.

## 6 - ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SOCIAIS

Considerações iniciais:

Para uma explicação completa e abrangente do fenômeno da variação lingüística há que se considerar, necessariamente, fatores internos e externos à língua que, potencialmente, condicionam a realização da regra variável sob análise. Dito de outra forma, a variação lingüística só é apreendida na sua sistematicidade quando vista em relação ao contexto social. Nas palavras de Sankoff:

“...a distribuição dos traços lingüísticos não pode ser entendida apenas em termos de suas relações internas dentro da gramática, mas deve ser vista como parte de um contexto sociocultural mais amplo no qual elas ocorrem<sup>40</sup>” (Sankoff, 1974:19).

Neste capítulo, apresentaremos os resultados das variáveis sociais que julgamos atuar na regra de concordância verbal com o pronome TU. Analisamos um total de quatro variáveis: Região, Grau de Escolarização, Faixa Etária e Sexo.

---

<sup>40</sup> “...the distribution of linguistic features cannot be understood solely in terms of their internal relationships within grammar, but must be seen as part of the broader sociocultural context in which they occur”(Sankoff, 1974:19).

Uma questão que vem sendo muito discutida nos estudos variacionistas consiste em detectar se há *mudança em progresso* ou *variação estável* em relação ao fenômeno analisado. Para uma abordagem adequada e segura desta questão, seria necessário um controle acurado das variáveis sociais, principalmente da idade, e também um controle de outras variáveis, como por exemplo, mercado ocupacional, classe social, sensibilidade lingüística, entre outras.

No nosso caso, poderíamos abordar a questão da mudança a partir dos dados de Florianópolis, já que nesta capital temos três faixas etárias controladas: de 15 a 24 anos, de 25 a 49 anos, e de mais de 50 anos. Entretanto, não procedemos desta forma tendo em vista termos feito rodadas separadas por localidade (Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha) e em Florianópolis a variável *faixa etária* não foi selecionada como estatisticamente relevante. Fizemos também rodadas por faixa etária, e as variáveis selecionadas foram praticamente as mesmas nas três faixas etárias em questão. Quanto às outras variáveis citadas no parágrafo acima, não temos como controlá-las no presente trabalho, tendo em vista que a maioria de nossos dados são provenientes do Projeto VARSUL e elas ainda não fazem parte das variáveis controladas por este projeto. De qualquer forma, pretendemos abordar essa questão em um estudo futuro.

Apresentaremos inicialmente as variáveis sociais sem estabelecer nenhum cruzamento entre elas. Faremos essa apresentação em forma de sub-itens e na ordem de escolha pelo programa computacional VARBRUL. Posteriormente analisaremos os cruzamentos das variáveis considerados estatisticamente significativos.

#### A) REGIÃO:

O objetivo, ao trabalhar com este grupo de fatores, é verificar se há ou não concordância verbal com o pronome TU na fala da Região Sul. Para isso, incluímos em nossa amostra as duas capitais do Sul, Florianópolis e Porto Alegre, onde o pronome TU é utilizado para estabelecer a referência de segunda pessoa do singular.

Incluímos também um bairro do interior de Florianópolis chamado Ribeirão da Ilha, que analisamos como uma terceira localidade, devido ao fato de os informantes “ribeironenses” não pertencerem à zona urbana como é o caso dos informantes das duas capitais e, conseqüentemente, devido ao menor contato externo daqueles.

Outro motivo pelo qual analisamos os informantes do Ribeirão da Ilha separadamente dos informantes de Florianópolis é que naquela localidade a cultura açoriana é ainda muito forte, onde os nativos mantêm vários costumes e hábitos que são manifestados também através da linguagem. E, sendo uma das características do

português açoriano o uso do pronome TU com sua respectiva concordância verbal, achamos válido testar este corpus separadamente.

Tendo em vista o exposto, nossa hipótese é que informantes do Ribeirão da Ilha façam mais concordância verbal quando usam o pronome TU que os demais. Em relação às outras duas localidades, nossa expectativa é que os informantes de Florianópolis façam muito mais concordância verbal que os de Porto Alegre, tendo em vista que na primeira localidade os informantes são todos de descendência açoriana, o que não se constata em Porto Alegre. Os resultados podem ser conferidos na Tabela 12.

Tabela 12

REGIÃO

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Porto Alegre	30/740	4%	0,12
Florianópolis	371/935	40%	0,71
Ribeirão	240/425	57%	0,81
<b>TOTAL</b>	<b>641/2100</b>	<b>31%</b>	

O grupo de fatores Região foi o primeiro selecionado como estatisticamente relevante e, de acordo com os resultados da Tabela acima, vemos que nossa hipótese inicial se confirma, pois temos os informantes do Ribeirão da Ilha liderando a manutenção da concordância verbal com 0,81 de peso relativo, seguido dos informantes da zona urbana de Florianópolis com 0,71, contrastando com os informantes de Porto Alegre, onde a concordância verbal é praticamente inexistente, obtivemos somente 0,12 de peso relativo.

Logo, os resultados são inequívocos quanto ao comportamento da Região Sul em relação à flexão verbal que acompanha o pronome TU: na Grande Florianópolis ela ainda se mantém bastante, o que não se constata em Porto Alegre, onde o pronome TU vem predominantemente acompanhado de verbos sem concordância de segunda pessoa.

Em relação às rodadas por localidade, obtivemos o seguinte quadro:

\* Em Porto Alegre o programa selecionou somente quatro variáveis, nesta ordem: 1) Paralelismo Formal; 2) Tempo Verbal; 3) Sexo e 4) Faixa Etária;

\* Em Florianópolis as variáveis selecionadas foram: 1) Paralelismo Formal; 2) Saliência Fônica; 3) Explicitação do Pronome; 4) Interação Emissor/Receptor; 5) Tonicidade do Verbo; 6) Grau de Escolarização e 7) Número de Sílabas do Verbo;

\* No Ribeirão da Ilha a ordem de escolha foi: 1) Paralelismo Formal; 2) Tempo Verbal; 3) Explicitação do Pronome; 4) Interação Emissor/Receptor; 5) Tonicidade do Verbo; 6) Número de Sílabas do Verbo e 7) Contexto Fonológico Seguinte.

Como podemos perceber, a única variável selecionada que coincide nas três localidades foi o Paralelismo Formal e sempre em primeiro lugar, o que demonstra uma vez mais a regularidade e o poder desta variável na concordância verbal em estudo.

Percebemos também que, em termos de escolha geral das variáveis, temos dois pólos distintos: por um lado temos Porto Alegre e por outro Florianópolis e Ribeirão da Ilha. Atribuímos essa diferença verificada em Porto Alegre à pouca concordância verbal encontrada nesta capital.

Já Florianópolis e Ribeirão destoam apenas na escolha das variáveis: Saliência Fônica vs. Tempo Verbal; Grau de escolarização vs. Contexto Fonológico Seguinte. Vale colocar que em Florianópolis a Saliência Fônica é selecionada pelo *stepup* e também eliminada pelo *stepdown*, o que segundo Sankoff (1988) denota um status não definido. Por outro lado, fizemos uma rodada teste em Florianópolis sem a Saliência Fônica e o Tempo Verbal foi selecionado, se mantendo relevante sem ser

eliminado pelo *stepdown*. Em relação à essas duas variáveis, vemos mais uma vez presente o desequilíbrio distribucional dos dados, o que faz elas interagirem.

Quanto ao Grau de Escolarização, acreditamos que tenha sido selecionado em Florianópolis e não no Ribeirão da Ilha, porque naquela localidade temos três células completas com 12 informantes em cada grau de escolarização, enquanto que no Ribeirão temos apenas 4 informantes por grau de escolarização e de faixas etárias heterogêneas.

Já a variável Contexto Fonológico Seguinte, selecionada somente no Ribeirão da Ilha, não se demonstrou muito relevante para a manutenção da concordância em estudo, tendo em vista que no Ribeirão ela foi a última selecionada como relevante, e nas demais rodadas efetuadas ela sempre foi eliminada como estatisticamente não relevante.

## B - GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO:

Das variáveis sociais, o grau de escolarização é uma das mais trabalhadas nos estudos variacionistas e tem se demonstrado altamente relevante na maioria das vezes. (cf. estudos realizados por Gryner (1977); Scherre (1978); Votre (1978); Macedo (1979), dentre outros).

Nosso intuito é verificar até que ponto a maior ou menor escolarização do falante é um fator que contribui para o emprego da concordância verbal com o pronome TU. Trabalhamos com três níveis de escolarização: primário, ginásio e colegial, que correspondem à amostra estratificada do Projeto VARSUL, de onde provém a maioria dos nossos dados.

Temos como hipótese que quanto maior a escolarização do falante, maior será também a concordância verbal, ou seja, segundo vários outros estudos variacionistas, há uma tendência de os informantes mais escolarizados usarem mais as formas consideradas padrão que os menos escolarizados. Os resultados podem ser vistos na Tabela 13, onde temos o grau de escolarização como a segunda variável social selecionada como estatisticamente relevante.

Tabela 13  
GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Primário	165/739	22%	0,38
Ginásio	187/631	30%	0,49
Colegial	289/730	40%	0,60
TOTAL	641/2100	31%	

Os resultados apresentados na Tabela acima indicam que a escolarização desempenha importante papel na manutenção da concordância verbal em estudo.

Conforme podemos perceber, a presença da flexão de segunda pessoa no verbo que acompanha o pronome TU é, de forma geral, diretamente proporcional aos anos de escolarização dos falantes, pois obtivemos para o nível *primário* 0,38 de peso relativo, para o *ginásio* 0,49 e para o *colegial* 0,60. Através destes resultados, verificamos uma diferença marcante entre o primário e o colegial, ficando o ginásio equidistante dos dois extremos.

## C - FAIXA ETÁRIA:

Quanto à variável em questão, sabemos que em diferentes idades os indivíduos estão sujeitos a pressões normativas distintas. Levando isso em consideração, tentaremos justificar abaixo as três faixas etárias incluídas em nosso trabalho:

a) 15 a 24 anos: Esta faixa etária é composta por adolescentes e adultos jovens, cuja marca maior, geralmente, é a insatisfação generalizada em relação aos padrões estabelecidos. Por outro lado, alguns estão iniciando no mercado de trabalho, ou pelo menos com a atenção voltada para ele.

b) 25 a 49 anos: Temos aqui, teoricamente, os adultos maduros que estão plenamente inseridos no mercado de trabalho. É um período em que a vida se torna mais pública e, de certa forma, há um acomodamento aos padrões de conduta estabelecidos socialmente.

c) Mais de 50 anos: Nesta faixa etária estão incluídos os indivíduos aposentados ou que estão prestes a isso. De qualquer forma, ficaram anos no mercado de trabalho assumindo uma conduta determinada socialmente. As pessoas de mais idade também tendem a ser mais conservadoras que as mais jovens em vários sentidos, inclusive na linguagem.

Posto isso, nossa hipótese em relação à *faixa etária* é que os resultados dos falantes mais jovens estão mais próximos do vernáculo e mais distanciados das normas gramaticais. Ou seja, quanto à regra de concordância verbal com o pronome TU, os mais velhos tendem a produzir a variante normalizada, em contraposição aos mais jovens que tendem a apresentar um comportamento lingüístico mais afastado das normas estabelecidas. Vejamos se isto se confirma na Tabela 14.

Tabela 14

## FAIXA ETÁRIA

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
15 a 24 anos	164/434	28%	0,44
25 a 49 anos	258/940	30%	0,45
mais de 50 anos	219/726	38%	0,60
<b>TOTAL</b>	<b>641/2100</b>	<b>31%</b>	

A Tabela 14 demonstra que entre os informantes de 15 a 24 anos (0,44) e os de 25 a 49 anos (0,45), a diferença probabilística é mínima, ocorrendo uma diferença considerável destes para os mais velhos, cujo peso relativo foi 0,60. Esperávamos que houvesse uma diferença maior entre os dois primeiros níveis (os mais jovens), o que não ocorreu. De qualquer maneira, esta foi a terceira variável social selecionada como estatisticamente relevante pelo programa computacional VARBRUL.

#### D - SEXO:

As várias investigações desenvolvidas na variação sociolingüística que levaram em consideração o fator Sexo mostraram que falantes do sexo feminino tendem a usar formas de prestígio mais freqüentemente que falantes do sexo masculino. Podemos citar, por exemplo, Gryner (1977); Callou (1979); Nina (1980); Silva (1982), e outros.

As mulheres utilizam mais as formas que se aproximam das da variedade padrão, devido a estas serem consideradas “melhores”, e até “mais corretas” pelas instituições sociais responsáveis pela propagação da variedade normatizada. Portanto, estudado através das diferenças de linguagem, o fator sexo pode ser um elemento revelador dos papéis sociais da mulher e do homem.

De acordo com os comentários feitos acima, nossa hipótese é que as mulheres fazem mais concordância verbal que os homens. O que não foi confirmado, conforme podemos constatar na Tabela 15.

Tabela 15

## SEXO

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Masculino	265/795	34%	0,52
Feminino	376/1305	29%	0,49
TOTAL	641/2100	31%	

Os resultados nos mostram que a diferença probabilística entre os falantes do sexo masculino vs. falantes do sexo feminino é praticamente inexistente (0,52 e 0,49, respectivamente). Logo, os falantes do Sul, de ambos os sexos, têm um comportamento similar no que se refere à concordância verbal com o pronome TU.

Vale salientar que de todas as variáveis sociais até aqui analisadas, o fator *sexo* foi o único eliminado como estatisticamente não significativo pelo programa computacional VARBRUL.

## 6.2 - CRUZAMENTO DE VARIÁVEIS

No item anterior, falamos das variáveis sociais isoladas e verificamos que a ordem de escolha pelo programa computacional VARBRUL foi: Região, Grau de Escolarização e Faixa Etária. E que somente a variável Sexo não foi selecionada como estatisticamente relevante.

Nesta etapa do trabalho, apresentaremos os resultados dos cruzamentos das variáveis sociais, objetivando com isso verificar até que ponto elas estão correlacionadas entre si, isto é, tentaremos buscar a possível influência de uma variável sobre a outra, e delas para o fenômeno em estudo.

Vale colocar que efetuamos todos os cruzamentos possíveis, mas optamos por apresentar somente os que foram considerados estatisticamente relevantes, sendo um total de três: Região e Grau de Escolarização; Região e Faixa Etária; Grau de Escolarização e Faixa Etária.

Os demais cruzamentos efetuados entre: Região e Sexo; Grau de Escolarização e Sexo; Faixa Etária e sexo não foram selecionados, o que demonstra mais uma vez que a regra de concordância verbal em estudo está disseminada de maneira homogênea entre os falantes dos sexos masculino e feminino.

Na Tabela 16, apresentamos os resultados do cruzamento das variáveis Região e Grau de Escolarização.

Tabela 16

## REGIÃO E GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO

Escolaridade	Porto Alegre			Florianópolis			Ribeirão da Ilha		
	Apl./Total	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.
Primário	22/318	7%	0,50	89/322	28%	0,45	54/99	55%	0,50
Ginásio	4/201	2%	0,24	110/290	38%	0,55	73/142	51%	0,56
Colegial	4/221	2%	0,30	172/323	53%	0,69	113/184	61%	0,67
Total	30/740	4%		371/935	39%		240/425	56%	

Fazendo uma leitura dos resultados da Tabela 16 por localidade, percebemos que o *grau de escolarização* mantém-se diretamente proporcional à presença de concordância verbal somente em Florianópolis e no Ribeirão da Ilha. Em Porto Alegre o quadro é outro, pois nesta capital o nível *primário* é o que concorda mais com 0,50, o nível *colegial* vem em segundo lugar com 0,30 e, por último, o nível *ginasial* com 0,24 de peso relativo.

O que se verifica em Porto Alegre, portanto, é que o *grau de escolarização* não está interferindo para que haja um aumento da concordância verbal com o pronome TU, ocorrendo o oposto nas duas outras localidades em estudo.

Por outro lado, se olharmos os resultados da Tabela 16 no sentido horizontal, observaremos que no nível *primário* não há praticamente diferenças probabilísticas, pois temos em Porto Alegre e no Ribeirão da Ilha 0,50 de peso relativo e em Florianópolis 0,45, sendo também o único nível em que é constatada essa regularidade dos dados.

Para o nível *ginasial* o que se constata é que os pesos relativos de Porto Alegre (0,24) são bem mais baixos que os demais. Constata-se também um comportamento semelhante entre os falantes de Florianópolis com 0,55 e do Ribeirão com 0,56 de peso relativo.

No nível *colegial* o quadro é idêntico ao do *ginasial*, pois temos Porto Alegre liderando a falta de concordância verbal com 0,30 de peso relativo, enquanto que Florianópolis(0,69) e Ribeirão (0,67) se mantêm em uma liderança aproximada com relação à influência do *grau de escolarização* na concordância verbal com o pronome TU.

Dando continuidade, apresentaremos a seguir a Tabela 17, com os resultados do cruzamento entre as variáveis Região e Faixa Etária.

Tabela 17

## FAIXA ETÁRIA E REGIÃO

IDADE	Porto Alegre			Florianópolis			Ribeirão da Ilha		
	Apl./Total	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.	Apl./Total	%	P.R.
15 a 24				142/370	38%	0,63	22/64	34%	0,44
25 a 49	6/364	2%	0,13	133/358	37%	0,62	119/216	55%	0,77
mais de 50	24/376	6%	0,29	96/207	46%	0,69	99/145	68%	0,84
Total	30/740	4%		371/935	39%		240/425	56%	

De acordo com a Tabela acima, vemos que em Porto Alegre, mesmo tendo pesos relativos baixos, os informantes com mais de 50 anos fazem mais concordância verbal que os de 25 a 49 (0,29 e 0,13 respectivamente).

Em Florianópolis trabalhamos com três faixas etárias, sendo que nas duas primeiras de 15 a 24 anos (0,63) e 25 a 49 anos (0,62) há um comportamento semelhante por parte dos falantes; havendo um leve acréscimo na manutenção da concordância nos informantes mais velhos, onde obtivemos 0,69 de peso relativo.

No Ribeirão da Ilha temos os informantes mais novos concordando menos com 0,44 de peso relativo, ocorrendo um aumento na concordância de acordo com a maior faixa etária.

Em uma leitura horizontal da Tabela 17, temos o seguinte:

Na Faixa Etária de 15 a 24 anos constatamos uma diferença bastante grande entre os informantes de Florianópolis (0,63) e os do Ribeirão da Ilha (0,44). Atribuimos essa diferença ao fato da distribuição irregular do número de informantes, pois temos em Florianópolis um total de 12 informantes enquanto que no Ribeirão temos somente 2 informantes.

Em relação à Faixa Etária de 25 a 49 anos, os resultados são bem polarizados, com Porto Alegre concordando pouquíssimo (0,13), enquanto que Florianópolis e Ribeirão da Ilha lideram a concordância, com 0,62 e 0,77 respectivamente.

Os resultados não diferem muito na Faixa Etária de mais de 50 anos, pois temos Porto Alegre com 0,29; Florianópolis com 0,69 e o Ribeirão da Ilha com 0,84 de peso relativo. Nesta faixa etária o distanciamento entre os informantes de Florianópolis e Ribeirão da Ilha é idêntico ao da faixa etária de 25 a 49 anos, tendo em vista que ambos distam em 0,15.

Por fim, temos a Tabela 18, com os resultados do cruzamento das variáveis Faixa Etária e Grau de Escolarização.

Tabela 18

## FAIXA ETÁRIA E GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO

IDADE	Primário		Ginásio		Colegial	
	Apl/Total	% P.R.	Apl/Total	% P.R.	Apl/Total	% P.R.
15 a 24	36/127	28% 0,35	52/155	24% 0,38	76/152	40% 0,55
25 a 49	61/316	19% 0,32	68/200	36% 0,50	129/423	39% 0,56
mais de 50	68/296	29% 0,41	67/276	34% 0,48	84/155	54% 0,68
Total	165/739	22%	187/631	29%	289/730	39%

Verificamos, através de uma leitura vertical da Tabela acima, que os informantes do nível *primário* são os que concordam menos, independentemente da faixa etária; seguido pelos informantes do nível *ginasial*, onde este quadro não se altera muito. No nível *colegial* há uma diferença maior entre os informantes de mais de 50 anos vs. os mais jovens, sendo que aqueles é que lideram a concordância com o pronome TU.

Por outro lado, uma leitura horizontal da Tabela 18 demonstra que em todas as faixas etárias a maior concordância verbal é proporcional ao aumento do grau de escolarização. Isso demonstra que, neste cruzamento, a escolarização do falante é um fator que está influenciando mais para a manutenção da concordância verbal com o pronome TU que o fator idade.

## **7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta parte final do trabalho, iremos retomar algumas considerações, que julgamos mais ilustrativas, daquilo que procuramos transmitir ao longo deste estudo sobre o comportamento dos falantes analisados em relação à concordância verbal com o pronome TU.

No que se refere aos grupos de fatores lingüísticos, os que se mostraram mais atuantes para o favorecimento da concordância verbal em estudo, foram os que se seguem:

- 1) Paralelismo Formal no Nível Discursivo (marcas no verbo);
- 2) Tempo Verbal;
- 3) Explicitação do Pronome;
- 4) Interação Emissor/Receptor;
- 5) Tonicidade do Verbo;
- 6) Número de Silabas do Verbo.

Com relação à variável Paralelismo Formal no Nível Discursivo, a análise efetuada evidenciou, a exemplo de outros estudos, que *marcas levam a marcas e zeros levam a zeros*. Isto se aplica também aos Casos Mistos, tendo em vista que analisamos estes casos olhando somente para o elemento anterior ao elemento sob análise e constatamos que uma presença de marca precedendo o item analisado leva a mais marcas e vice-versa.

Vale colocar que o Paralelismo Formal foi sempre a primeira variável selecionada como estatisticamente mais relevante em todas as rodadas efetuadas, o que denota a força e o poder desta variável atuando nos fenômenos de concordância em geral.

Na análise da variável Tempo Verbal, constatamos que o Tempo em que se encontra o verbo (presente, passado, futuro) associado ao Modo Verbal (indicativo vs. subjuntivo) é que contribuíram para a relevância da variável em questão. Constatamos também que nos casos do *pretérito perfeito do indicativo* a terminação -STE (ex.: tu falaste) encontra-se praticamente em extinção na fala dos informantes analisados. Nas localidades de Florianópolis e Ribeirão da Ilha a concordância neste caso é feita, predominantemente, com o acréscimo de -SSE à terminação verbal (ex.: tu falasse).

Nos resultados que obtivemos para a variável *Explicitação do Pronome*, verificamos a aplicabilidade do *Subprincípio da Quantidade*, segundo o qual “uma informação menos previsível receberá mais material de codificação”(Givón, 1990:969). Os dados, que vieram ao encontro de nossas expectativas, mostraram que quando o sujeito (pronome TU) não está explícito, há mais marcas de concordância no verbo que quando o sujeito está explícito imediatamente antes do verbo ou com material interveniente entre o sujeito e o verbo. Porém, mesmo que os resultados tenham correspondido às nossas expectativas, achamos interessante que esta variável seja retomada para um aprofundamento maior da questão da ambigüidade e da possibilidade de perda da informação.

Os resultados para a variável *Interação Emissor/Receptor* demonstraram que o falante faz mais concordância verbal quando se dirige ao Entrevistador, o que vem confirmar que neste tipo de interação há um certo cuidado com a linguagem.

A análise da variável *Tonicidade do Verbo* confirmou nossa expectativa de que os verbos oxítonos, por terem acento na sílaba que recebe a flexão de segunda pessoa, são mais marcados que os verbos paroxítonos.

E, a última variável lingüística selecionada como estatisticamente relevante foi o Número de Sílabas do Verbo. Os primeiros resultados evidenciaram que os itens de maior número de sílabas, e por isso mais perceptíveis, foram os mais marcados. Porém, constatamos que a variável Tonicidade estava alterando os resultados de alguns fatores da variável Número de Sílabas. Diante de tal interação, não chegamos a nenhuma conclusão mais consistente, sendo necessário buscar maiores evidências em análises futuras.

Das variáveis lingüísticas analisadas neste estudo, somente duas não foram selecionadas como estatisticamente relevantes, são elas:

- 1) Saliência Fônica;
- 2) Contexto Fonológico Seguinte.

Com relação à Saliência Fônica, convém ressaltar que ela só é eliminada como estatisticamente não relevante tendo em vista a interação com a variável Tempo Verbal. Na análise feita, verificamos uma sobreposição parcial entre o *segundo nível de saliência* (acréscimo de -ES) e os fatores da variável Tempo Verbal: *presente do indicativo, futuro do subjuntivo, e infinitivo pessoal*. A sobreposição completa se dá entre o *nível mais alto de saliência* (acréscimo de -STE/-SSE) e o *fator pretérito perfeito do indicativo*.

Para as duas variáveis em questão, obtivemos o seguinte quadro:

- A Saliência Fônica, em uma rodada teste sem o Tempo Verbal, foi selecionada em terceiro lugar como estatisticamente mais relevante.

- O Tempo Verbal, por sua vez, demonstrou-se mais forte que a Saliência pois foi selecionado como estatisticamente relevante em todas as rodadas efetuadas.

Ainda em relação à variável Saliência Fônica, efetuamos uma rodada por Faixa Etária e constatamos, a exemplo de Naro, Gorski & Fernandes (1983), que na faixa etária acima de 35 anos a Saliência Fônica é que foi selecionada, propiciando mais marcas de concordância, enquanto que para os mais jovens a variável selecionada foi o Tempo Verbal. Tendo em vista isso, lançamos a hipótese de que poderia estar havendo uma mudança em curso no português falado, no sentido de deslocar o condicionamento da flexão verbal que acompanha o pronome TU do nível da fonética (Saliência Fônica) para o nível da morfologia (Tempo Verbal). Todavia, faz-se necessário que se busquem maiores evidências para fundamentar tal hipótese em análises futuras.

Quanto à variável Contexto Fonológico Seguinte, buscávamos verificar até que ponto uma *pausa*, *vogal* ou *consoante* após o verbo influenciariam numa maior ou menor concordância verbal. Os resultados demonstraram que esta variável pouco influencia na presença/ausência de marcas nos verbos analisados.

Já em relação às variáveis sociais consideradas neste estudo, podemos concluir que:

A variável Região demonstrou-se a mais atuante de todas. Verificamos que os informantes do Ribeirão da Ilha lideram a manutenção da concordância verbal, seguidos pelos informantes de Florianópolis. Estas duas localidades se opõem a Porto Alegre, onde a concordância verbal com o pronome TU é praticamente inexistente.

Atribuímos a alta concordância encontrada no Ribeirão da Ilha ao fato de a cultura açoriana ser bastante expressiva, associada ao pouco contato externos dos informantes. Em Florianópolis os informantes também são de descendência açoriana, porém, o contato externo deles é maior, o que poderia justificar uma concordância menor que a encontrada na localidade do Ribeirão da Ilha.

No que se refere a Porto Alegre, acreditamos que a pouca concordância encontrada se deva, em parte, ao fato de os informantes analisados não serem de origem açoriana. Quanto aos outros motivos que poderiam estar contribuindo para o fenômeno verificado em Porto Alegre, sentimos a necessidade de um estudo diacrônico aprofundado que possa trazer evidências sobre a questão.

A segunda variável social selecionada como estatisticamente mais relevante foi o Grau de Escolarização. Os resultados demonstraram que o aumento dos anos de escolarização é proporcional à presença de flexão de segunda pessoa nos verbos que acompanham o pronome TU.

A terceira e última variável social selecionada em nossa análise foi a Faixa Etária. Constatamos que os informantes de mais de 50 anos fazem mais concordância verbal quando usam o pronome TU que os mais jovens (15 a 24 e 25 a 49 anos).

A variável Sexo foi a única variável social que não se demonstrou relevante ao fenômeno em estudo (tanto na rodada com todos os grupos de fatores, como quando cruzada com as demais variáveis sociais). Isto vem demonstrar que os falantes analisados do Sul de ambos os sexos têm um comportamento similar no que se refere à concordância verbal com o pronome TU.

Neste estudo, decidimos não abordar uma questão que vem sendo muito discutida nos estudos variacionistas que consiste em detectar se há *mudança em progresso* ou *variação estável* em relação ao fenômeno analisado. É nosso objetivo abordar tal questão em um estudo posterior, quando pretendemos ampliar o número de informantes com, no mínimo, três faixas etárias por localidade, bem como controlar outras variáveis sociais.

Em suma, conforme explicitamos ao longo deste trabalho, muitas coisas ainda precisam ser revistas e outras analisadas. Naturalmente, não era nossa intenção apresentar um trabalho isento de limitações. De qualquer forma, esperamos que o presente trabalho possa dar sua parcela de contribuição para que se tenha um melhor entendimento do português falado no Sul do Brasil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maria Teresa dos Santos. *Formas de tratamento: dialeto urbano e oral de Curitiba*. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, UFSC, 1987.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Formas de tratamento e estruturas sociais*. ALFA (1972-73), p. 339-382.
- CEDERGREN, Henrietta & SANKOFF, David. *Variable rules: performance as a statistical reflection of competence*. Language, 50(2):333-55, jun. 1974.
- CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- DIAS, Maria Clara Álvares Correia. *A variação na concordância nominal: um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense*. Dissertação de Mestrado, Brasília, 1993.
- DUBOIS, Jean e outros. *Dicionário de Linguística*. São Paulo, Cultrix, 1993.
- DU BOIS, John W. Competing motivations. In: HAIMAN, John. *Iconicity in syntax*. Amsterdam, John Benjamins, 1984. p.342-65.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo; Editora Martins Fontes, 1988.
- FERNANDES, Marisa. *Concordância nominal na Região Sul*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC, 1996.
- GIVÓN, T. *Syntax*, v. II. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1990.
- GUY, Gregory Riordan. *Linguistic variation in Brazilian portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1981. 391p. Ph.D. Dissertation, mimeo.

- KNIES, Clarice & COSTA, Iara Bemquerer. *Manual do usuário - Banco de Dados Lingüísticos VARSUL*. 1995.
- LABOV, William. *Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula*. *Language*, v. 45, n.4, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Language in the inner city - studies in the black english vernacular*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1975.
- LEMLE, Miriam & NARO, Antony Julius. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977. 151p.
- MACEDO, Alzira V. T. de. *O uso do futuro do subjuntivo em português*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ, 1980.
- MOLLICA, Maria Cecília. Sociolinguística: conceituação e delimitação. In: *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos Didáticos, FL/UFRJ. 1992. p.11-5.
- MOTTA, Erimita Cunha de Miranda. *Escolarização e variação lingüística*. UNICAMP, Campinas, 1979. Dissertação de Mestrado, inédito.
- NARO, Antony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos Didáticos FL/UFRJ, 1992. p.17-25
- \_\_\_\_\_. *The social and structural dimensions of a syntactic change*. *Language*, 57(1):63-98, 1981.
- NARO, Antony Julius; GORSKI, Edair & FERNANDES, Eulália. Uma mudança lingüística em curso: *A concordância com o sujeito nós/a gente*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1983. Inédito.

- NARO, Anthony Julius & LEMLE, Miriam. *Syntactic diffusion*. In: *Ciência e Cultura*, 29(3):259-68, 1977.
- NICOLAU, Eunice Maria das Dores. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação de Mestrado, Belo Horizonte, 1984.
- PINTO, Ivone I. & FIORETTI, Maria Thereza G. *Tutorial para o pacote VARBRUL*, 1992 (Mimeo).
- PINTZUK, Susan. *VARBRUL programs*. 1988. inédito.
- POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William. (eds.) *Locating language in time and space*. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1980.
- RAMOS, Myriam Pereira Botelho. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado, UFSC, 1989.
- RODRIGUES, Angela C. de Souza. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 1987.
- ROUSSEAU, Pascale & SANKOFF, David. *Advances in variable rule methodology* In: SANKOFF, David. (ed.) *Linguistic variation: models and methods*. New York: Academic Press, 1978.
- SANKOFF, Gillian. "A quantitative Paradigm for the Study of Communicative Competence". In: BAUMAN, R. and SHERZER, Joel. *Explorations in the Ethnography of Speaking*. New York, Cambridge University Press, 1974.
- SANKOFF, David. *Variable rules*. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert & MATTEIR, Klaus J. (eds.) *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1988.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. PUC, Rio de Janeiro. 1978. 158p. Dissertação de Mestrado. Inédito.

- \_\_\_\_\_. *Reanálise da concordância nominal em português*. UFRJ, Rio de Janeiro, 1988. 554p. 2v. Tese de Doutorado. Inédito.
- \_\_\_\_\_. Sobre a atuação do princípio da saliência fônica na concordância nominal. In: *Fotografias Sociolinguísticas*. TARALLO, Fernando (org.) Campinas, Pontes, 1989, 301-32.
- \_\_\_\_\_. *A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos*. Organon - A variação no português do Brasil. Porto Alegre, UFRGS Instituto de Letras, 18(5):52:70, 1991.
- \_\_\_\_\_. Levantamento, codificação, digitação e quantificação de dados In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Cadernos Didáticos, UFRJ, 1992. p.121-34
- \_\_\_\_\_. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Cadernos Didáticos, FL/UFRJ, 1992a. p. 115-9.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português*. 1992b. mimeo. 28 p.
- \_\_\_\_\_. *Relação entre hipóteses linguísticas e dados*. Mesa redonda. In: "A relação entre teorias gramaticais, métodos de pesquisa e dados". CALLOU, D. & TARALLO, F. (coord.) . Anpoll, Anais... Porto Alegre, 1992c. 17-20 maio.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores*. Rio de Janeiro, 1992 - Brasília, 1993. (Mimeo)
- SCHERRE, Maria Marta Pereira & NARO, Anthony Julius. *Duas dimensões do paralelismo verbal no português popular do Brasil*. Delta. São Paulo, 9(1):1-4, 1993.
- SILVA, Giselle Machline de Oliveira e. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.) *Introdução à sociolinguística variacionista - cadernos didáticos* UFRJ. Rio de Janeiro, UFRJ, p. 101-14.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e & SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.) *Padrões sociolingüísticos - análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. UFRJ, 1993b. 268 p. (no prelo).

SUASSUNA, Livia. *Ensino de Língua Portuguesa: Uma abordagem pragmática*. Campinas; Papyrus, 1995.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo, Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: *Fotografias sociolingüísticas*. TARALLO, Fernando (org.) Campinas, Pontes, 1989. p. 11-6.

VANDRESEN, Paulino. Introdução. In: *Sociolingüística*. FONSECA, M. S. V. & NEVES, M. F. (orgs.) Rio de Janeiro, Eldorado Tijuca, 1974.

VAZZATA DIAS, Juçá Fialho. *A concordância de número nos predicativos e nos participios passivos na fala da Região Sul: Um estudo variacionista*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFSC, 1996.

